

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE MÚSICA**

**Ensinar música remotamente: um relato sobre o processo de aprender a  
ser professor de música durante o estágio de docência**

Por

Paulo A. Deretti

Porto Alegre  
2021

Paulo A. Deretti

**Ensinar música remotamente: um relato sobre o processo de aprender a ser professor de música durante o estágio de docência**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido como requisito para conclusão do Curso de Licenciatura em Música do Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Luciana Marta Del-Ben

Porto Alegre - RS, 2021

## CIP - Catalogação na Publicação

DERETTI, PAULO A.

Ensinar música remotamente: um relato sobre o processo de aprender a ser professor de música durante o estágio de docência / PAULO A. DERETTI. -- 2021. 69 f.

Orientador: Luciana Marta Del Ben.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Licenciatura em Música, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Ensino de Música. 2. Ensino Remoto Emergencial. 3. Estágio de Docência em Música. 4. Vídeo Aula de Música. 5. Educação Musical Escolar. I. Del Ben, Luciana Marta, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por me dar oportunidade de viver.

Aos meus pais e irmãos, por me introduzirem na arte musical.

À orientadora deste trabalho, a qual, por muitas vezes, deixou sua agradável marca como professora durante minha graduação, por oito anos.

Aos momentos que me levaram a escolher estudar música e àqueles que estiveram presentes nestes, por me aproximarem da arte que preenche minha vida.

“A vida sem música seria um exílio.” (Francisco de Paula Coimbra de Almeida Brennand)

## RESUMO

Este trabalho toma como objeto de estudo o processo de planejamento e produção das aulas de música durante o estágio docente no Ensino Remoto Emergencial. Seus objetivos foram examinar as estratégias de ensino e aprendizagem escolhidas para a solução das dificuldades e desafios encontrados durante essa experiência e analisar como a produção de tais aulas transformou a minha forma de enxergar o processo de ensinar música. Adotando o relato de experiência como estratégia, analiso momentos vividos durante o estágio de docência em música, conto os desafios pedagógicos e pessoais que me acompanharam durante o planejamento e produção de sete aulas e registro o caminho que levou à escolha das soluções para tais desafios, discorrendo sobre como as aulas foram criando forma. Ao refletir sobre o processo vivido para descrevê-lo, pude perceber que, especialmente a produção de vídeos para os alunos, me tirou da zona de conforto, me desafiando e, ao mesmo tempo, me motivando a superar tais desafios, tendo sido um diferencial no meu processo de formação pedagógico-musical.

**Palavras-chave:** ensino de música; estágio de docência em música; ensino remoto emergencial; videoaula de música; educação musical escolar.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	4
<b>SUMÁRIO</b> .....	5
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>2 METODOLOGIA</b> .....	9
<b>3 RESULTADOS</b> .....	11
<b>3.1 Os primeiros passos</b> .....	11
<b>3.2 Aula 1 – Afinar o violão</b> .....	16
<b>3.3 Aula 2 – Acordes</b> .....	24
<b>3.4 Aula 3 – Como as músicas são criadas?</b> .....	31
<b>3.5 Aula 4 – Padrões rítmicos</b> .....	40
<b>3.6 Aula 5 – Gêneros musicais</b> .....	46
<b>3.7 Aula 6 – Funk brasileiro</b> .....	53
<b>3.8 Aula 7 – Sua música</b> .....	58
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	66
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	68

## 1 INTRODUÇÃO

A pandemia de Covid-19, declarada pela Organização Mundial de Saúde no início do ano de 2020, provocou mudanças imediatas nos vários setores da sociedade. Na área da educação não foi diferente. Medidas de distanciamento social foram adotadas para impedir a disseminação do vírus, obrigando a uma suspensão das aulas presenciais em todos os níveis de ensino.

Tais medidas, tomadas pelas autoridades sanitárias e educacionais, resultaram na necessidade do Ensino Remoto Emergencial (ERE). Apesar de já contarmos com cursos de música a distância, inclusive de nível superior, e com diversas tecnologias para ensinar e aprender música, fazer isso de forma não presencial pode tornar-se algo desafiador, não só pela situação emergencial, mas pela falta de familiaridade e conhecimento acerca da educação a distância e de tecnologias. Segundo Martins e Almeida (2018, p. 597), “a educação online tem papel relevante, pois precisa combinar educação, tecnologia, interatividade, aprendizagem colaborativa, cocriação, entre outros, disponibilizando novas possibilidades de consolidação dos saberes, guiadas pela colaboração e o respeito às singularidades.”.

Até aquele momento, dar aula de música não era uma novidade para mim, pois, de modo informal, já havia feito isso. Desde meus 6 anos de idade, por estímulo de meus pais, tenho tido contato com e estudado diferentes instrumentos, passando pelo violão, bandolim, contrabaixo, canto e saxofone. Durante a minha adolescência, pude participar de algumas bandas de pop/rock e aquilo fazia com que amigos meus viessem me procurar para que eu lhes ensinasse o que eu sabia. Como minhas condições de acesso a formas de ensinar música e meu próprio conhecimento sobre isso eram limitados (antes da internet), eu planejava minhas aulas de maneira que eu conseguisse transmitir meu conhecimento prático e de acordo com que o aluno gostaria de aprender, sem atentar a procedimentos metodológicos formais, também por não conhecê-los. Ainda na minha juventude fui professor de música em um projeto social chamado Coração Cidadão, em que ensinava percussão para as crianças que frequentavam a oficina da Banda de Latas. Ali fazia muita prática musical percussiva com os alunos e trabalhava pouquíssima teoria musical.

Anos mais tarde, quando ingressei no curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pude, nas disciplinas de Estágio de Docência em Música I e II, construir subsídios e práticas que aprimorassem minha forma de ensinar música, mas, de repente, era necessário recomeçar. O ERE tinha como restrição o distanciamento entre alunos e professores, e ensinar música dessa forma eu nunca havia feito.

Um dos motivos que tornavam o ERE desafiador era que as plataformas de ensino virtual que estavam sendo usadas não suportavam atividades e performances musicais de qualidade, já que apresentavam problemas de latência, fidelidade sonora e sincronização. Além disso, estando no contexto da educação básica pública e existindo o caráter de urgência para se buscar soluções que dessem continuidade ao processo de ensino e aprendizagem dos envolvidos, problemas bem mais básicos precisavam ser resolvidos como a disponibilidade, na residência dos alunos, de acesso à internet para participar de aulas online, a falta de equipamentos e de condições para estudar, assim como, por consequência da precariedade das duas primeiras, dificuldades para enviar e receber material didático, acabando por ser um agravante da diferença de sucesso do ERE entre escolas públicas e privadas.

Para mim, o ERE foi especialmente desafiador na realização do estágio de docência em música. Apesar de ter realizado o estágio no semestre anterior de forma presencial, a sensação era a de ter que “começar do zero”, pois, naquele momento, precisávamos buscar outras formas de interação e descobrir quais as melhores escolhas acerca do que ensinar e de como ensinar, já que, além de não poder ter contato direto com os alunos, não seria possível desenvolver atividades com as quais eu estava familiarizado, como cantar e tocar em grupo, por exemplo.

Como será detalhado a seguir, decidimos que a interação com os alunos no estágio se daria por meio de vídeos e textos. A ideia de fazer vídeos era desafiadora, mas se encaixaria bem no contexto daquele momento, pois, como dizem Martins e Almeida (2018, p. 612), “a combinação de som, imagem, animação e performance potencializam a sensação de proximidade que pode sensibilizar para a aprendizagem”.

A partir dessa decisão de combinarmos vídeos e textos na elaboração das aulas para os alunos, muitos desafios apareceram para mim, pois existia todo um conjunto de coisas necessárias para que os vídeos e textos fossem produzidos de

forma sucinta, com informações precisas, e que fossem complementares e relacionados. Além disso, para produzir bons vídeos é necessário,

Desenvolver a capacidade de atuar na linguagem audiovisual, aprender a planejar roteiros criativos, obter suporte tecnológico para transformar os roteiros em material audiovisual, além de ser importante enxergar a videoaula com o olhar não voltado apenas à qualidade técnica, mas combinando-a com a qualidade pedagógica. (MARTINS; ALMEIDA, 2018, p. 613)

O Ensino Remoto Emergencial trouxe até mim a necessidade de uma “atualização” da minha forma de ensinar. Era preciso me inteirar das tecnologias disponíveis para a produção de vídeos, encontrar softwares e aplicativos que pudessem auxiliar o ensino de música, além de assistir a videoaulas que pudessem me inspirar a construir os meus vídeos. Nesse cenário, a produção de vídeos teve papel fundamental para minha formação como professor, pois, ao planejá-los e produzi-los, precisei combinar educação musical e tecnologia, disponibilizando a mim mesmo novas possibilidades de construção dos saberes guiadas pela colaboração das professoras orientadora e supervisora do meu estágio.

Consciente disso, decidi tomar o processo de produção das aulas de música durante o estágio docente no Ensino Remoto Emergencial como objeto do meu trabalho de conclusão de curso e defini como objetivos deste trabalho examinar as estratégias de ensino e aprendizagem escolhidas para a solução das dificuldades e desafios encontrados durante essa experiência e analisar como a produção de tais aulas transformou a minha forma de enxergar o processo de ensinar música.

Este trabalho, portanto, relata o processo de produção de cada uma das aulas semanais – sete, no total – ministradas para os alunos da escola campo de estágio durante o ERE. Tal relato será feito através de um registro em que irei buscar um diálogo entre o “eu” que vivenciou essa experiência – quando planejei e produzi as videoaulas – e o “eu” atual, que fará uma análise de tal experiência transformado pela vivência da mesma.

Ao construir este relato, levo comigo a vontade de compartilhar as lições aprendidas a partir da experiência e da reflexão sobre a experiência, além das inquietações, dificuldades e conquistas que aconteceram durante a elaboração das sete aulas planejadas e ministradas durante o Estágio de Docência em Música III, desenvolvido na vigência do ERE.

## 2 METODOLOGIA

Este trabalho se caracteriza como um relato de experiência. Segundo Suárez (2008, p. 193), “os relatos de experiência revelam uma parcela importante do saber pedagógico construído e reconstruído em meio a múltiplas situações e reflexões.”. Ainda segundo Suárez (2011, p. 387), “os relatos de experiência são especialmente relevantes quando adotados como recursos didáticos nas iniciativas de formação de professores. Uma vez que explicitam as concepções dos seus autores, convidam à análise, tomada de posição e principalmente à discussão.”. Isso porque,

Quando produz um relato de experiência, o professor procura explicitar sua intenção em cada atividade planejada, bem como suas reflexões e observações ao longo do projeto didático, de forma a propiciar a reflexão e busca de caminhos na perspectiva da melhoria contínua do processo pedagógico. O relato possibilita, ainda, minimizar a sensação de isolamento e impotência, permitindo que o conhecimento produzido seja compartilhado e colocado à disposição de outras pessoas, para que possam dele se beneficiar. (DELMANTO; FAUSTINIONI, 2009. p. 10)

Como descrito por Warschauer (1993, p.35), “[...] neste momento, o professor toma uma distância de seus atos e da realidade da sala de aula, de forma a distinguir-se do vivido para olhá-lo de uma forma particular”. Dessa forma, entende-se que um relato consiste em pensar novamente sobre a ação pedagógica realizada.

Para ajudar no desenvolvimento deste relato, fui buscar estratégias que possibilitassem a descrição, análise e reflexão sobre essa experiência, começando uma busca por fontes que tratassem da educação musical a distância com uso de tecnologias, mais especificamente, com uso de videoaulas, pelo fato de a maior novidade existente durante o ERE ter sido a produção de vídeos. Analisar os materiais encontrados e confrontá-los com minha experiência vivida trouxe até mim subsídios para o desenvolvimento do relato, além de me ajudar a compreender como o processo de produção das aulas durante o ERE ampliou minha concepção sobre o ensino de música.

Para incluir tudo o que gostaria neste relato, fez-se necessário um processo de imersão consciente no mundo da experiência vivida e, como forma de iniciar essa reflexão, fui assistir aos vídeos e ler os textos produzidos para os alunos

durante o estágio, de acordo com a cronologia em que foram feitos. Isso me ajudou, vendo o resultado de cada aula, a trazer à memória o processo de planejamento e confecção de materiais que aconteceu a cada semana durante o semestre em que realizei o estágio.

Logo após, fui pensando e elaborando uma estrutura de análise que fosse igual para todas as aulas objeto do meu relato. Para isso, consultei o material dessas aulas que havia guardado em meu notebook. Para cada aula elaborada durante o estágio, organizei pastas como forma de agrupar os materiais de busca, os planos de aula, as fotos pesquisadas para incluir nos textos e vídeos e os próprios vídeos pré-editados. Decidi abrir todos esses arquivos para que me ajudassem, nessa viagem no tempo, a me colocar perante os principais desafios vivenciados em cada aula produzida e, assim, poder analisar cronologicamente e refletir sobre o processo por que passei para chegar a uma solução para esses desafios e à concretização dessas soluções, ou seja, a sua transformação em registro digital e textual, relatando não só o que deu certo, mas também o que poderia ter sido feito de outra forma. Para melhor organizar meu relato, defini como categorias de descrição e análise dos meus materiais a escolha dos temas, dos conteúdos, dos objetivos, das fontes pesquisadas e do planejamento e desenvolvimento dos textos e dos vídeos.

### 3 RESULTADOS

#### 3.1 Os primeiros passos

Assim que retomamos as atividades letivas na UFRGS, em agosto de 2020, minha orientadora nos explicou como seria desenvolvido o estágio: teríamos encontros de orientação, entre professora e alunos da disciplina Estágio de Docência em Música III, uma vez por semana, nas quintas-feiras, das 13h30 às 16h50, através da plataforma *Google Meet*. Naquele momento, éramos cinco alunos participando da disciplina. Esses encontros seriam destinados para discutir e desenvolver o planejamento do estágio, refletir sobre o processo de produção das aulas e, de modo geral, pensarmos sobre educação musical escolar. Além dos encontros de orientação, desenvolveríamos atividades de ensino remotas junto à escola campo de estágio, uma escola de ensino fundamental da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, rede parceira da UFRGS por meio de cooperação com a Secretaria Municipal de Educação.

Definida a escola que seria o campo de estágio, primeiramente, reunimos e enviamos os documentos necessários para firmar o termo de compromisso de estágio docente. Em seguida, foi necessário definirmos as turmas em que faríamos os estágios. Tal escola se organizava por ciclos e ficou definido que as turmas de 3º ciclo (7º, 8º e 9º anos do ensino fundamental) seriam as “minhas turmas” de estágio. Ou seja, eram alunos de idades variadas, mas próximas. Tal definição aconteceu também nos primeiros encontros de orientação, nos quais tivemos a participação da professora supervisora (professora de música da escola). Vimos que minhas características se encaixavam com o perfil daquele grupo de alunos: eles faziam prática musical coletiva (banda) nas suas aulas e eu tocava alguns dos instrumentos disponíveis no ambiente escolar deles, além disso, eu tinha vivência desse tipo de prática desde a adolescência.

Naquele momento, em meados de agosto, sabíamos que os alunos estavam tendo aulas a distância, por meio de atividades elaboradas pela professora supervisora. Eles, até antes da pandemia, tinham contato com diversos instrumentos musicais e desenvolviam atividades vocais. Durante a pandemia, mesmo remotamente, realizaram saraus via Facebook e outras atividades musicais utilizando uma plataforma digital disponibilizada pelo município, o Córtex. Todo o

trabalho era feito a partir dessa plataforma, na qual a professora postava as atividades, os alunos as recebiam e as retornavam concluídas. Nem todos estavam tendo acesso ao conteúdo devido às dificuldades tecnológicas e/ou falta de apoio em casa.

Quanto à parte musical, alguns tocavam instrumentos, como violão, teclado e flauta doce, e outros cantavam. Alguns já dominavam um ou mais instrumentos, enquanto outros, nenhum. Dentre os que faziam a prática musical com instrumentos, nem todos tinham um instrumento em casa e, até aquele momento, a escola não havia se decidido pelo empréstimo dos mesmos aos alunos, o que acabou não acontecendo.

Tínhamos o campo e a turma de estágio definidos, os documentos do contrato de estágio encaminhados e conhecíamos, da forma que podíamos, um pouco sobre quem seriam nossos alunos. Era hora de, a pedido da orientadora, organizarmos nossas ideias a partir de projetos de ensino e, como todos da minha turma fariam seus estágios na mesma escola, embora com turmas diferentes, decidimos, em concordância com a supervisora, fazer um único projeto, elaborado coletivamente. Usamos nossos encontros para debatermos sobre a forma de organizarmos esse projeto coletivo e chegamos a um consenso de que poderíamos ter melhores resultados se usássemos um mesmo arquivo “na nuvem”, editável por todos; dessa forma, teríamos um desenvolvimento compartilhado. Definimos que, para organizar esse desenvolvimento e edição do projeto, cada um escolheria uma cor diferente na hora de deixar seus registros e ideias, e que ninguém apagaria o que já havia sido feito pelos colegas. Posteriormente, ou seja, no decorrer da semana até a aula seguinte, as ideias seriam revisadas, selecionadas e compiladas.

Então, nos dias seguintes, discutimos o que poderíamos fazer naquele momento pelos alunos, já que estávamos vivendo de forma inédita o ERE e não tínhamos como continuar as aulas de música da forma como vinham sendo desenvolvidas na escola campo de estágio antes da pandemia. “Se não posso tocar e cantar com os alunos, o que fazer com eles?” era uma pergunta que estava presente em nossas cabeças e nos nossos encontros.

A professora orientadora nos sugeriu alguns textos e um deles foi o do Prof. Celso Loureiro Chaves (2020), intitulado Música nas janelas. Publicado num jornal de grande circulação, tal texto nos inspirou a definirmos o tema do nosso projeto de ensino. No texto, Chaves (2020, s.p.) dizia:

Por que as pessoas cantam na janela? Por que as noites são preenchidas por essa música que surge do nada? Uma mulher num prédio do Chile conflagrado. Músicos improvisando diálogos com instrumentos, daqui para vizinhos metros adiante. As panelas das cidades brasileiras em protesto de percussão metálica e ritmada. O protagonismo hoje é dos médicos, dos cientistas, dos cuidadores, isso não há dúvida. Mas no final do dia, à beira das ruas, é música que se ouve, como se o dia ganho e a promessa do amanhã fossem causa para celebrar. E é!...

A partir de outro artigo sugerido por minha orientadora, de autoria de Gert Biesta (2018), pude construir uma ideia de ensino musical que me orientaria ao planejar as aulas futuras. As ideias do autor me estimularam a pensar o planejamento das aulas de modo a vinculá-las à vida dos alunos, procurando contribuir para a sua formação, por meio de atividades que promovessem tanto o desenvolvimento musical dos alunos e os mantivessem conectados com o fazer musical, quanto o despertar para as diversas possibilidades que poderiam levar o aluno ao encontro com o mundo. Além disso, em nossos encontros semanais via *Meet*, tivemos debates em que nos perguntávamos sobre o sentido da música nas nossas vidas e de que forma esse sentido foi sendo construído em cada um de nós, e, ainda, sobre as possibilidades de comunicação geradas a partir da adoção da ideia de música como linguagem e como essas possibilidades poderiam nos levar ao encontro de nossos alunos.

Tais referências e reflexões nos inspiraram para definir o título do nosso projeto coletivo de ensino: Música para aproximar. Tal título também me serviu como estímulo para que, ao planejar e produzir as aulas, eu tivesse consciência de que poderia estar fazendo algo que contribuísse para tirar o peso do isolamento social que todos sentíamos naquele momento de restrições sociais por causa da Covid-19. Eu iria assumir naquele momento a elaboração de aulas de música para os alunos do 3º ciclo e havia a dúvida, de minha parte e de meus colegas, sobre o quanto deveríamos exigir dos nossos alunos em nossas aulas, haja vista que havia um impacto emocional em todas as pessoas, causado pela pandemia da Covid-19 e pela fragilidade estrutural e de acessibilidade com que se desenvolvia o ERE.

Naquele momento de isolamento social nosso contato com os alunos poderia oferecer empatia e conforto e, por isso, consideramos de extrema importância que eles tivessem acesso a esse tipo de interação músico-social através de nossas

aulas. Como turma de estágio do Curso de Licenciatura em Música da UFRGS, também estabelecemos que a sensibilidade para com os alunos deveria estar envolvida em nossas escolhas, por estarmos cientes da tristeza social existente naquele momento. Hoje, refletindo sobre essa experiência, tal sentimento retorna, o que me trouxe a necessidade de colocar a sensibilidade como sentimento envolvido também na confecção deste trabalho.

Para que nada ficasse esquecido, foi necessário trazer à memória os debates que aconteceram durante os encontros semanais com os colegas de estágio e a professora orientadora, em que, antes de começarmos a planejar as aulas, nos perguntávamos que tipo de aula faríamos, quais conteúdos escolheríamos e como faríamos para que os mesmos fossem claros, objetivos e tivessem uma sequência e continuidade. Além disso, a professora orientadora sempre nos deixou claro que um princípio básico das aulas de música deve ser articular teoria e prática musical, independentemente dessa aula acontecer de forma presencial ou remota, sem esquecer de promover a capacidade do aluno fazer sua produção musical autonomamente e poder refletir sobre esse processo. Esses princípios já haviam sido trabalhados no semestre anterior, quando realizei o segundo semestre de estágio e tive a oportunidade de adotá-los durante as aulas presenciais com os alunos da escola campo de estágio. Entretanto, se tornaram bem mais presentes no semestre de estágio remoto, pelo fato de detalharmos mais o planejamento de nossas aulas em virtude da necessidade de antecipar de modo mais abrangente possíveis dúvidas dos alunos, fazendo com que ficássemos mais atentos à precisão do discurso e à metodologia de ensino. Considero importante trazer à lembrança essas reflexões e experiências ocorridas em nossos primeiros encontros de orientação de estágio, pois, a partir daquele momento, elas permitiram definir princípios que sustentaram a elaboração das aulas/atividades. E como seriam essas aulas ou atividades?

Em nossos encontros de orientação de estágio, fomos amadurecendo as propostas que cada um iria desenvolver com suas turmas de estágio. Eu e um de meus colegas faríamos, em conjunto e por sugestão da supervisora, uma Oficina de Violão para o 3º ciclo, num total de seis aulas até o fim do semestre. A supervisora solicitou que fizéssemos vídeos nas aulas sempre que possível, vídeos que deveriam ter em torno de 4 minutos de duração, mas esclareceu que poderíamos fazer também textos e áudios ou combinarmos esses três formatos em nossas

produções. O formato de aulas preferencialmente com vídeos foi escolhido por se tratar de um formato atual e conhecido dos alunos, além de ser atrativo para o processo de ensino/aprendizagem. Segundo Serafim, Pimentel e Sousa Do Ó (2008, p. 17), utilizar videoaulas é “enriquecer o processo de ensino-aprendizagem com o uso do recurso audiovisual, pois o som e o vídeo possibilitam a compreensão dos assuntos por parte dos alunos (nativos-digitais), ajudando estes a construir seu próprio conhecimento, tornando-os sujeitos ativos neste processo”.

Mas, antes das nossas aulas acontecerem, era importante que os alunos nos conhecessem e, para isso, deveríamos, primeiramente, fazer um vídeo de apresentação, para que, tendo os alunos um primeiro contato conosco, os estagiários, pudessemos começar as aulas de fato. Para esse vídeo de apresentação o planejamento foi: primeiro, falar para os alunos que eu estava fazendo um estágio docente e iria, a partir daquele momento, auxiliar a professora deles com as aulas de música; em seguida, eu iria apresentar uma música. Escolhi “Andar com fé”, de Gilberto Gil, por ser uma canção de que eu gosto e pelo fato de o conteúdo textual passar uma mensagem positiva para aquele momento. A letra da canção diz: “Andar com fé eu vou que a fé não costuma falhar”. Aproveitei para gravar a música utilizando violão, contrabaixo, voz e saxofone, instrumentos que domino e que voltaria a utilizar em vídeos de aulas futuras. Logo após a canção, esses instrumentos são brevemente e individualmente apresentados. Esse foi meu primeiro contato com o programa Filmora de edição de vídeos, o qual utilizei nas demais aulas. Assisti a diversos tutoriais que o próprio Filmora fornece e usei várias horas para me familiarizar com o mesmo e aprender as edições que eu gostaria de fazer, por exemplo: efeitos de transição de uma cena a outra e divisão da tela ao meio para apresentar mais de um vídeo simultaneamente. Hoje, assistindo ao vídeo, percebo que não fui muito espontâneo na forma de falar o texto que planejei, talvez pela inexperiência de falar para uma câmera e por querer seguir fielmente o texto proposto. Quanto à música de apresentação, pela inexperiência, tive muita dificuldade de juntar as três partes, o que fez com que os três vídeos editados para rodarem juntos ficassem levemente dessincronizados. Além disso, não consegui coordenar muito bem o plano de vídeo com o tempo total previsto, resultando num vídeo de 6’42”.

Este é o vídeo de apresentação que os alunos receberam: [Apresentação](#)

### 3.2 Aula 1 – Afinar o violão

Tendo o projeto coletivo sido elaborado e o vídeo de apresentação enviado aos alunos, era hora de planejarmos as aulas. Como mencionado anteriormente, foi solicitado pela supervisora que eu e meu colega fizéssemos uma oficina de violão, uma vez que a maioria dos alunos tinha interesse por esse instrumento, além de ser um dos instrumentos que a escola campo de estágio possuía em sua sala de música e outros alunos, em casa.

Como seriam aulas utilizando como veículo preferencial os vídeos – e vídeos curtos, confesso que estava um pouco confuso naquele momento. Por se tratar de pouco tempo, e não enxergando a possibilidade de usar textos para dar suporte aos vídeos (já que preferencialmente não significa exclusivamente), minha confusão estava em como usar cerca de 4 minutos para gravar uma aula em vez de um breve discurso sobre algum assunto musical, mas eu acreditava que isso iria se resolver durante o planejamento das aulas.

Depois de definida a oficina de violão para os alunos, discutimos nos nossos encontros semanais sobre como poderia ser essa oficina. Pensávamos ser importante que os alunos soubessem, inicialmente, afinar o violão. Outra possibilidade para essa aula era trabalharmos acordes básicos que pudessem ser utilizados em diversas músicas. Essa última ideia ficou esperando para ser revisitada nos planejamentos seguintes, até pela reflexão compartilhada por nós de que possibilitar a percepção de ter o instrumento afinado deveria vir antes de tentar obter o som dos acordes. De que adianta termos nosso aluno executando um acorde se este não soar com as devidas alturas pelo fato de o instrumento não estar afinado? Qualquer referência extra de som de violão que o aluno buscasse, até mesmo com o som do meu violão no vídeo, geraria atrito sonoro com seu instrumento desafinado, e isso, muito provavelmente, sem que o aluno soubesse o motivo.

E foi assim que definimos: a primeira aula seria sobre afinação do violão e a segunda, sobre acordes. Havia dois caminhos para orientarmos os alunos para essa primeira aula: o primeiro passava pela afinação “de ouvido” e o segundo passava pela afinação com auxílio de afinador ou diapasão. Como era preferível que as aulas acontecessem através de vídeos que ficassem em torno dos 4 minutos e existia a possibilidade de enviar um texto como material de apoio, desde que curto –

no intuito de não desestimular o aluno com conteúdo exaustivamente teórico e longe da realidade dos nossos alunos e da geração de nativos digitais –, decidimos por ensinar a afinação do violão com auxílio de algum aplicativo de afinação. Fomos nessa direção também por não conhecermos bem nossos alunos e seu domínio de conhecimentos teórico-musicais, acreditando que teríamos maior êxito se abordássemos a afinação fazendo uso de um aplicativo para tal. Dentre as possibilidades gratuitas, escolhemos o “Guitar Tuna” por ser de fácil manipulação e estar disponível tanto para smartphones Androids como IOS.

Foi estipulado que um plano de aula bem detalhado deveria ser enviado para a orientadora do estágio e aprovado pela mesma antes de produzirmos a aula de fato. Tudo precisava estar claro e sucinto nos tópicos do plano de aula – objetivos, conteúdos, procedimentos de ensino e plano de vídeo –, para então produzirmos o planejado. Tudo isso deveria ser feito em uma semana. Nessa primeira aula eu estava com dificuldades para desenvolver objetivos e diferenciá-los dos conteúdos. Foi necessário que eu refizesse o plano algumas vezes até que entendesse o que a minha orientadora queria dizer com “objetivo é aquilo que eu espero que o aluno consiga fazer ao final da aula” e “conteúdo” é aquilo que vamos tratar na aula. Apesar de conectadas, são coisas diferentes. Quando o plano de aula foi aprovado, tínhamos o seguinte:

Objetivo: Afinar o violão com auxílio de aplicativo de afinação para celular.

Conteúdo: Procedimentos e recursos para afinar o violão.

A semana passava e eu precisava terminar o planejamento e concretizar a produção do material. Mas como? Quais procedimentos? Havia uma inexperiência em tudo: qual local da casa usar para gravar, qual roupa e ângulo de filmagem escolher, qual aplicativo usar para fazer edições, por exemplo. Fiz uma pesquisa na internet e conversei com colegas que faziam videoaulas. Dentre as possibilidades gratuitas, escolhi o aplicativo “Acapella”. Logo tive que desistir dele, por travar demais e ter poucas opções para editar os vídeos. Migrei, então, para uma solução paga, porém eficiente: o “Filmora”. Por se tratar de um programa novo para mim e com um certo grau de complexidade para manuseá-lo, assisti a tutoriais que me ajudassem a fazer uma boa edição dos vídeos. Só faltava, então, obter uma boa performance diante da câmera, em que eu pudesse, ao assistir o resultado, reconhecer que me empenhei em extrair o melhor de mim, mesmo que, nos momentos disponíveis para gravar, as condições não fossem as melhores. Todos

vivíamos dificuldades naquele momento, das mais variadas formas e tipos. Para resolver minha inexperiência em produzir vídeos, fui assistindo a diversas vídeo aulas, pesquisando como os outros faziam suas produções e escolhendo as que mais me agradavam. Ao gravar as primeiras sessões, percebi, na prática, que: o local deve estar iluminado, a câmera não deve estar contra a luz, a distância entre mim e a câmera deve ser tal que o áudio seja captado com qualidade e volume e, ao mesmo tempo, não deixe de fora uma parte do instrumento ou do meu corpo; a naturalidade é a melhor forma de agir diante da câmera – quando isso não ocorria, eu refazia a gravação, uma vez que, não me reconhecendo no vídeo (pelo fato de estar “atuando”), achava o resultado um pouco “falso”.

Mesmo que fosse mais fácil ensinar a afinar um violão com o auxílio de um aplicativo do que ensinar a usar a percepção auditiva para tal, precisávamos fazer isso em um vídeo com duração de em torno de 4 minutos. Esse foi o momento em que comecei a pensar sobre conversar com as professoras a respeito de migrarmos da ideia de oficina de violão para outra ideia mais acessível aos alunos, algo que iríamos concretizar nas semanas seguintes. Mas não falei nada nesse momento e mantivemos o plano.

Então, era hora de resolvermos a questão mais importante dessa aula: como despertar a percepção da diferença entre um violão afinado e outro desafinado? Minha orientadora sugeriu que eu abrisse o vídeo tocando algo bem conhecido com o violão desafinado e, em seguida, com ele afinado. Achei uma ótima ideia, mas qual música usar para isso? O que tocar? Precisava ser algo bastante conhecido de forma que os alunos, ao ouvirem, reconhecessem o que estavam escutando, o que facilitaria a percepção da afinação/desafinação. Optamos, novamente por sugestão da orientadora, em tocar no violão a música “Parabéns pra você”, executando a melodia com um acompanhamento harmônico. Isso ajudou a mostrar que um instrumento desafinado é uma daquelas coisas que algumas pessoas dizem ao ouvi-lo: “Tem algo de errado, mas não sei o que é”. Quando meus colegas e a orientadora viram o resultado, gostaram muito da naturalidade com que apareci no vídeo e do fato de o vídeo começar com um exemplo musical, atraindo os alunos com uma apreciação musical que tinha tudo a ver com o tema da aula. O elogio pela elaboração do vídeo me deixou muito feliz e motivado. Após a execução de “Parabéns a você” no início do vídeo – primeiro, desafinado e, em seguida, afinado

–, era preciso gravar a parte em que eu explicaria como utilizar o “Guitar Tune” para afinar o violão.

Enquanto o vídeo estava sendo produzido, percebi que precisava incluir algumas informações no texto de apoio para que o aluno tivesse subsídios para compreender melhor o conteúdo da aula e atingir o objetivo esperado, que era aprender a afinar o violão. Eu optei por mostrar, através de figuras que adicionei no texto, algumas partes básicas do instrumento, como corpo, boca, mão e tarraxas. Numa dessas figuras apareciam as seis cordas do violão com suas respectivas notas de afinação (6ª corda: mi; 5ª corda: lá etc.) e uma tabela relacionando as notas musicais com as cifras, que, como se sabe, são comumente usadas no ensino do violão. O texto fechava com a informação sobre como fazer o download, via Apple Store ou Play Store, do aplicativo de afinação Guitar Tune.

Até chegarmos à versão final dessa primeira aula, através das regravações e edições do vídeo, houve bastante estresse de minha parte, pois, além do trabalho em dupla não ser fácil, eu mesmo não havia pegado o ritmo de planejar as aulas e produzi-las. Regravar e reeditar o vídeo foi fundamental para garantir coesão e qualidade no momento da explicação sobre o uso do aplicativo. Se eu dividisse a tela para mostrar aplicativo e braço do violão – utilizando duas câmeras para tal –, a imagem do aplicativo aparecia muito pequena na tela. Optei, então, por prender com elásticos o celular na mão do violão, junto às tarraxas, e aproximar da mão do violão a articulação das cordas feitas pela minha mão direita, tornando possível visualizar tudo com qualidade, sem precisar dividir a tela ao meio.

Essas ideias foram nascendo quando enviamos as duas primeiras versões dessa explicação para a orientadora (uma feita por mim e outra, pelo meu colega), pois, vendo tais prévias, ela fazia observações pertinentes, sendo necessário gravar e editar novamente. Principalmente nas primeiras semanas isso voltaria a acontecer e aqui devo reconhecer que, no início, isso me estressava, pelo esforço necessário para gravar e editar novamente; mas isso, ao longo do processo de produção, fez com que eu ganhasse experiência no que estava fazendo e alinhasse a minha maneira de enxergar a produção das aulas com a visão da minha orientadora, que era a cobrança pela exatidão e acessibilidade dos termos utilizados no texto, o detalhamento das explicações utilizadas, a boa qualidade na captação do áudio e da imagem e a utilização de exemplos musicais de preferência executados por nós, estagiários.

Como tarefa para os alunos, pedimos, àqueles que tivessem o instrumento em casa, que nos enviassem áudio ou vídeo tocando algo no violão após afinarem o mesmo. Dessa forma, poderíamos verificar se o aluno conseguiu afinar o violão. Para aqueles que não tinham o instrumento, deixamos descrita uma outra opção de atividade, que era enviar áudio ou vídeo cantando “Parabéns a você”. Dessa forma, poderíamos ter uma noção de como o aluno se relacionava com a afinação cantando. Foi dessa segunda opção que recebemos algumas atividades enviadas pelos alunos, três no total – dois vídeos e um áudio. Mais do que analisar musicalmente os alunos, nosso objetivo era envolvê-los nas atividades, pois, recebendo retorno deles, poderíamos ter uma ideia um pouco melhor de quem eram e como aparentavam estar naquele momento sensível, indo ao encontro do tema do nosso projeto de ensino, que era “música para aproximar”.

Analisando a produção desse primeiro vídeo, vejo – apenas hoje enxergo isso – que o processo de produção e edição foi evoluindo em boa parte por intuição, porém, não esteve distante do que identifico ao ler artigos de autores que tratam do assunto.

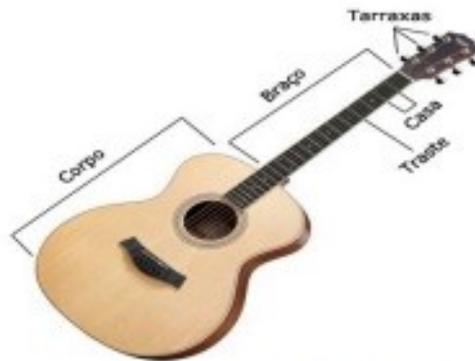
(...) uma das vantagens da videoaula é a possibilidade de regravá-la a fim de alcançar o melhor resultado planejado. Ainda, a combinação de efeitos de som, imagem, animação e encenação potencializam a sensação de proximidade que pode sensibilizar para a aprendizagem. Somando-se isso à criatividade no roteiro, suporte tecnológico, pode-se obter um diferencial na qualidade das videoaulas, tendo em vista o objetivo de através delas juntar teoria e prática, trazendo os conteúdos para situações reais e o mais próximo possível da realidade dos aprendentes, para que estes possam estabelecer significados ao que está assistindo e refletir os conhecimentos e suas aplicações em situações do seu cotidiano. (MARTINS; ALMEIDA, 2018, p. 608)

Esta é a versão final do vídeo produzido para a primeira aula: [Aula 1 Afinação](#) e este é o texto que os alunos receberam:

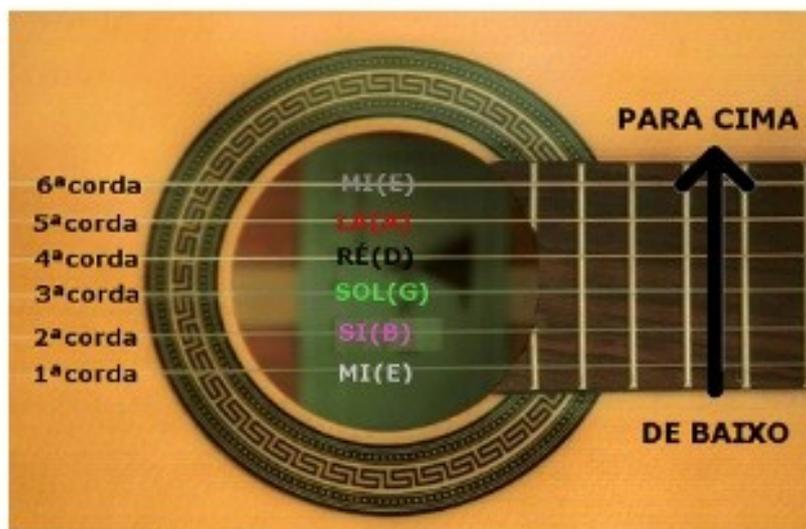
Olá pessoal, Tudo bem com vocês?

Hoje vamos falar sobre como **Afinar o Violão**.

Podemos dizer que afinar um instrumento é ajustar suas notas (teclas, cordas etc.) em alturas específicas. No caso do violão fazemos esses ajustes apertando ou afrouxando as tarraxas onde as cordas estão presas. Veja algumas partes do violão nesta figura:



Todo instrumento tem uma afinação padrão, que é aquela mais usada pelos músicos que o tocam. No caso do violão, é a seguinte:



Vamos lembrar quais são as sete notas musicais: Dó – Ré – Mi – Fá – Sol – Lá – Si. Elas podem aparecer também na forma de cifras, que são uma outra forma dar nome a elas, usando letras do alfabeto:

<b>C</b>	<b>D</b>	<b>E</b>	<b>F</b>	<b>G</b>	<b>A</b>	<b>B</b>
<b>Dó</b>	<b>Ré</b>	<b>Mi</b>	<b>Fá</b>	<b>Sol</b>	<b>Lá</b>	<b>Si</b>

### E como afinar?

Existem algumas formas.

Uma delas é fazendo a "afinação de ouvido", quando o músico pega a referência sonora para afinar as cordas do seu violão a partir de um outro instrumento, como por exemplo o diapasão.

Este instrumento metálico ao ser batido sobre uma superfície rígida vibra e emite a nota Lá, que serve para afinar a 5ª corda do violão.

Com esta corda afinada é possível afinar as demais a partir dela.



Outra forma de afinar o instrumento é usando a tecnologia. Existem aplicativos para celular que fazem essa "afinação de ouvido" para você. É só tocar uma corda do seu violão (a 6ª corda por exemplo) e o aplicativo lhe mostrará se está afinado em "Mi" (que é a nota que a 6ª corda deve fazer.)

E assim o aplicativo faz com todas as cordas:

6ª corda - Mi = E  
5ª corda - Lá = A  
4ª corda - Ré = D  
3ª corda - Sol = G  
2ª corda - Si = B  
1ª corda - Mi = E

"Onde encontro isso?"

Se seu celular for Iphone, entre na App Store. Se for um celular Android, entre na Play Store. Lá, digite afinador e várias opções aparecerão. Todas elas têm uma forma fácil e prática para auxiliar você. O aplicativo que usaremos como exemplo aqui é o GUITAR TUNA. Ele é gratuito e está disponível para os sistemas operacionais IOS e Android. É muito legal e fácil de utilizar.



Falo mais sobre afinação e o uso do aplicativo nesse vídeo que fiz para você. Vamos ver?

[https://youtu.be/x\\_Z9CXAzG8s](https://youtu.be/x_Z9CXAzG8s)

Agora que você já sabe como usar esse recurso, tente afinar o seu violão. Antes de começar a afinar, aperte ou afrouxe UM POUCO as cordas. Meia volta na tarraxa é suficiente. Pronto! Agora seu violão está desafinado e você pode praticar o que aprendeu no vídeo.

Se você tiver alguma dúvida, escreva no seu caderno, tire uma foto e me envie por escrito.

Envie uma gravação de áudio ou vídeo com você tocando algo de sua escolha no seu violão afinado. Se não tiver o instrumento em casa, não se preocupe.

Você pode gravar um áudio ou vídeo cantando PARABÉNS À VOCÊ. Depois ouça o que você gravou. Faça uma auto avaliação sobre sua afinação do que você cantou. Quando achar que está bom, me envie. Vai ser muito legal ouvir ou ver você cantando.

Aguardo sua gravação!

Um abraço e até a próxima semana!

### 3.3 Aula 2 – Acordes

A segunda aula também foi direcionada ao uso do violão, porque escolhemos esse instrumento para praticarmos e explanarmos o conteúdo da aula: acordes. Sendo um instrumento harmônico e tendo ensinado sua afinação para os alunos na aula anterior, era coerente que mantivéssemos o instrumento como recurso para a prática dos acordes, mesmo porque estávamos desenvolvendo uma oficina de violão, como solicitado pela professora supervisora. Tal conteúdo, conforme mencionei, cogitamos estar presente em minhas aulas. Além disso, trabalhar acordes de fácil execução parecia também ser uma boa forma para avançarmos na prática do instrumento, além de ser importante para desenvolver diversas práticas envolvendo relações entre as alturas.

Sabia que tinha que pensar sobre como definir o que era mais importante abordar em relação a acordes e sobre a forma dessa abordagem, já que os alunos tinham diferentes níveis de conhecimentos musicais e usar procedimentos que não fossem acessíveis a todos, utilizando excessivamente termos teórico-musicais, por exemplo, seria cometer um erro previsto. Busquei, portanto, evitar isso.

Nuintin (2007, p. 109) diz que “o processo de produção é composto por diversos subprocessos, atividades e tarefas. E para garantir a qualidade desses processos se faz necessário acompanhar e avaliar o desempenho dos mesmos”. Em relação a isso, adiciono que, quando tomei ciência de que seria o autor dessas diversas etapas, fiquei um pouco ansioso para conseguir desenvolvê-las. Naquele momento em que eu aprendia a fazer os subprocessos, em meio às singularidades sociais vividas, ter a orientação da minha professora foi fundamental para me situar no processo de produção e chegar a um resultado satisfatório. Duas perguntas sobre o assunto sugeridas pela orientadora foram: “o que são acordes?” e “para que servem?”. Os alunos precisavam saber isto: o básico. Nesse momento, fui buscar em fontes tradicionais conceitos sobre acordes, pois, apesar de termos conhecimento do assunto, queríamos ser precisos no texto, tanto falado como escrito, evitando uma abordagem teórica e complicada demais. Optamos por estes materiais: Curso completo de teoria musical e solfejo, de Belmira Cardoso e Mário Mascarenhas (1996) e Teoria da música, de Bohumil Med (1996). Após consultá-los, construímos o seguinte texto, que veio a ser o início da parte escrita enviada aos alunos, logo após uma bela saudação, obviamente!

*Os acordes são usados para o acompanhamento durante uma música. Quando você vê alguém tocando violão, geralmente, ela faz o ritmo com uma das mãos tocando as cordas, enquanto, com a outra, cria diversas POSIÇÕES diferentes, usando os dedos para apertar as cordas nas “casas” do violão.*

*Essas posições formam o que chamamos de acordes. Isso quer dizer que cada um dos dedos está tocando uma nota diferente, e essas notas, quando tocadas ao mesmo tempo, são os acordes.*

Hoje me parece melhor que esse texto tivesse sido falado no vídeo que gravamos para essa aula, utilizando o violão como recurso visual para contribuir com a explicação. Talvez tenhamos feito essa opção para não deixar o vídeo longo demais, pois nele haveria outras informações, que já estavam sendo resumidas para que o vídeo não passasse dos 5 minutos.

Eu ainda não tinha bem definida a ordem das etapas do processo de produção e meus pensamentos iam de um lado para o outro: para o planejamento dos vídeos, a escolha das falas para o mesmo, as relações de posição entre o violão e a câmera para obter um bom enquadramento. Para resolver isso, achei que me ajudaria bastante usar um texto de apoio, para melhor apresentar minhas explicações e organizá-las para os alunos. Além disso, era necessário definir quantos e quais acordes trabalharíamos e finalizar com uma atividade que os envolvesse.

Esses acordes precisavam ser de fácil execução no violão – sem pestanas e sem muita abertura de dedos, estar presentes em inúmeras músicas – em tonalidades acessíveis ao violonista popular, com poucas alterações – e terem relação entre si. Então, sem entrar no conceito de funções tonais, escolhemos Lá Maior, Ré Maior e Mi Maior, pelo fato de que a prática desses acordes poderia sugerir tal afinidade tonal (I-IV-V) e cumprir com os demais requisitos.

Com os acordes definidos, era preciso fazer algo com eles, demonstrando aos alunos o processo físico que existe para extrair som deles. Eles precisavam saber, através de nós, a posição básica da mão para executar esses acordes. Logo, pensamos ser útil utilizar os diagramas de acordes, como forma de acesso às orientações. Neles, é possível incluir graficamente a explicação a respeito do posicionamento dos dedos nas cordas e quais delas devem ser tocadas, facilitando, assim, a compreensão da construção dos acordes Lá Maior, Ré Maior e Mi Maior.

Os alunos poderiam ter como opção o recurso visual para tirar suas dúvidas, ajudando a extrair um som de qualidade em seus violões, para, em seguida, praticar a troca de posição entre os acordes.

O diagrama ensinando os alunos a montar os acordes viria a ser feito por mim utilizando o *paint* do Windows e adicionado – pelo mesmo motivo – ao texto de apoio, juntamente com a parte referente às perguntas “o que são?” e “para que servem?”. Qual era esse “mesmo motivo”? Era eu ter que explicar a montagem dos acordes, a sua prática e ainda incluir uma apreciação musical (que teria que existir) num vídeo com até 5 minutos. Isso parecia ser difícil para mim. Eu treinava a explicação que iria fazer em frente à câmera com o violão, imaginando que estivesse numa aula presencial e meu aluno à minha frente. Pensava sobre como eu praticava os acordes quando aprendi, juntava ideias que tinha visto em livros e vídeos – que eram todas bem parecidas, na verdade – e explicava para o aluno “fictício” à minha frente, mas eu esgotava os 5 minutos antes de concluir minhas ideias.

Além das explicações sobre a prática dos acordes, havia sido definido em nosso encontro semanal que o vídeo iniciaria com uma demonstração de pequenos trechos de músicas populares que pudessem ser tocadas utilizando os três acordes em questão, contextualizando o conteúdo por meio da apreciação musical por parte dos alunos. Eu concordava e entendia que era importante levar os alunos à apreciação musical, além de eu poder mostrar visualmente e sonoramente o uso prático do que estávamos ensinando ali. Mas, como comentei anteriormente, leva tempo para mostrar detalhes da montagem dos acordes. As informações sobre tal já visualizadas pelos alunos no diagrama de acordes no texto davam um entendimento estático sobre o assunto. Era necessário mostrar isso acontecendo: o movimento dos dedos da mão e sua correta posição nas cordas e nas casas do instrumento para que possam extrair um som de qualidade. Essa preocupação era ainda maior no ERE pelo fato de não estarmos no mesmo espaço-tempo em que o aluno está. Em seguida à explicação das “formas” para os alunos, eu deveria orientá-los a montar e desmontar tais “formas” várias vezes, prática necessária para que o movimento da mão que as constrói se torne natural.

E foi assim, fazendo e refazendo até conseguir produzir um vídeo e um texto que proporcionassem ao aluno a possibilidade de praticar a construção e execução dos três acordes maiores (Lá, Ré e Mi), mas faltava indicar uma música com que o

aluno pudesse praticá-los. Fizemos uma pesquisa de repertório, buscando uma música bem conhecida e que fosse de fácil execução, ou seja, que não fosse necessário trocar os acordes muito rapidamente e que o acompanhamento rítmico fosse fácil de fazer. Escolhemos Trem Bala, de Ana Vilela. Era necessário incluir no vídeo a execução de um trecho dessa música para que o aluno pudesse visualizar e entender a execução – sendo uma canção de estrutura estrofe-refrão, não havia necessidade de demonstrar toda a execução dela, pois, no decorrer da música, se repetem as seções (AB ou estrofe-refrão), apenas trocando o texto entre uma estrofe e outra. Além disso, deixamos um link para que o aluno visse/ouvisse a música toda sendo executada pela própria Ana Vilela, cantando e tocando violão da mesma forma como gravei um trecho no vídeo. Disponibilizamos, ao final do texto de apoio, a letra com a cifra da música e foi incluída no vídeo, antes da execução do trecho da música Trem Bala, uma breve explicação sobre como executar o acompanhamento rítmico no violão.

Como tarefa dessa aula, pedi aos alunos que nos enviassem, se possível, um registro audiovisual dessa prática. Dessa forma, poderíamos verificar se os alunos compreenderam como produzir e praticar os acordes aprendidos, através da prática dos mesmos ou da execução da música.

Essa foi uma aula em que não achei fácil inserir todo o conteúdo escolhido para o vídeo dentro do tempo proposto e acabei por resumir demais e acelerar minhas explicações sobre a prática da forma, da troca e da execução dos acordes. Percebo, vendo o vídeo hoje, longe da conexão intensa com a aula em que estava na semana em que a produzi, que fica difícil compreender todas as informações que ali estão sem ver o vídeo algumas vezes. Eu deveria ter explorado mais as explicações da prática dos acordes, usando, para isso, mais tempo de vídeo, mas, em vez disso, fiquei ansioso para que coubesse tudo em torno dos 4'30" de gravação e acabei finalizando todo o vídeo em 4 minutos, sobrando um tempo que poderia ter sido utilizado para desenvolver melhor o que eu estava explicando.

Acabei fazendo o mesmo com a seção do vídeo em que ensino o acompanhamento para a música Trem Bala. Ali apenas demonstrei as partes dele utilizando um andamento mais lento que o da gravação original, mas repeti isso poucas vezes. Hoje, assistindo o vídeo, acho curto demais o tempo que reservei para o aluno se conectar com o ritmo, além de que seria melhor se, durante a explicação do mesmo, o aluno visse setas coloridas como legenda do ritmo,

ajudando na compreensão do que está sendo dito ali. Isso poderia ter acontecido se eu tivesse mais conhecimento sobre produção e edição de vídeo – ou algumas aulas adiante no tempo. A parte gráfica ficou apenas nos diagramas do texto que enviamos, e que exponho logo a seguir.

Os exemplos musicais que aparecem logo no início do vídeo não tomaram muita parte do seu tempo total (30 segundos iniciais) e pude, através deles, demonstrar seu uso em pequenos trechos de quatro músicas; além disso, eram necessários para abrir a aula com uma apreciação musical, como queríamos. Tivemos alguns retornos dessa atividade. Num deles, com cerca de 1 minuto de duração, o aluno enquadrou bem seu violão na câmera e tocou a música Trem Bala, extraindo um bom som dos acordes. O ritmo que utilizou foi outro, mas adequado para acompanhar a música. Chamou-me a atenção o fato de ele ter parado no meio da música para tocar apenas as cordas Lá e Ré e verificar sua afinação, o que me deixou feliz, pois pude verificar o aprendizado dele referente às duas aulas assistindo um único vídeo de 1 minuto. Um outro aluno enviou um vídeo tocando no violão os acordes Sol, Dó, Ré e Lá, todos maiores, e com um acompanhamento rítmico que lembrava um reggae. Não foi o que solicitamos, mas interpretei esse envio por parte do aluno como uma mostra do que ele podia fazer no violão e que estava acompanhando as aulas. Um terceiro aluno enviou um vídeo tocando a música Trem Bala conforme pedimos e foi interessante que outra pessoa da sua casa filmou; o vídeo mostra o aluno em seu quarto, sobre a cama, com seu violão e outros objetos do quarto, mostrando para mim, de certa forma e mesmo que sem querer, um pouco mais sobre ele. Uma quarta aluna enviou um vídeo lindo em que ela aparece com seu violão sentada em frente a uma parede com notas musicais pintadas; ela canta muito bem e toca exatamente como pedimos. O vídeo tem 43 segundos e mostra uma prática musical com qualidade técnica e com uma sensibilidade que emociona.

O texto que produzi para essa aula, em sua versão final, encontra-se a seguir.

Olá, pessoal!  
Tudo bem? Espero que sim.

## Hoje vamos aprender um pouco sobre acordes...

O que são e para que servem? 😊

Os acordes são usados para o acompanhamento durante uma música. Quando você vê alguém tocando violão, geralmente, ela faz o ritmo com uma das mãos tocando as cordas, enquanto que, com a outra, cria diversas POSIÇÕES diferentes, usando os dedos para apertar as cordas nas "casas" do violão.

Essas posições formam o que chamamos de acordes. Isso quer dizer que cada um dos dedos está tocando uma nota diferente, e essas notas, quando tocadas ao mesmo tempo, são os acordes.

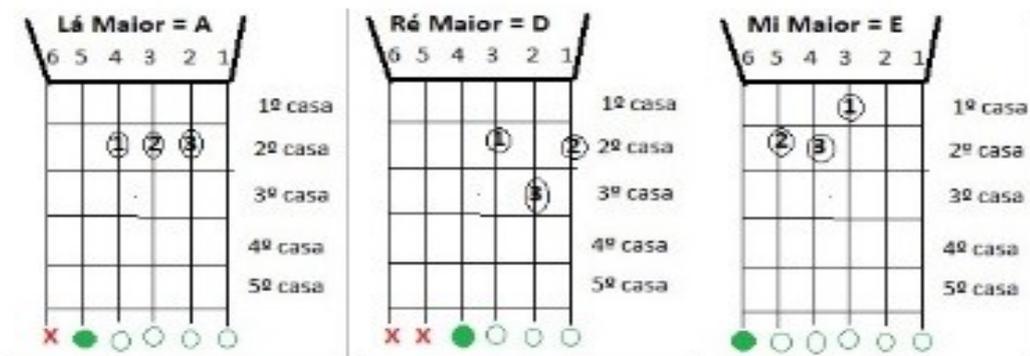


Como se monta um acorde?

Um acorde é construído pela união de três ou mais notas tocadas ao mesmo tempo. Não são quaisquer notas combinadas "de qualquer jeito". Existe uma ordem e também uma lógica para que elas possam formar uma harmonia.

Há várias combinações possíveis de se fazer com as notas, que resultam nos mais diversos acordes. Para facilitar a vida dos músicos, cada acorde recebe um nome e sobrenome, por exemplo: Lá Maior (A), Lá menor (Am), Ré Maior (D), Ré menor (Dm).

Assim, não confundimos uns com os outros, exatamente como acontece com os nomes das pessoas. Para escrever como são feitos, é comum utilizarmos um diagrama de acordes. Abaixo, utilizei o diagrama para mostrar a você como montar três acordes bastante usados: Lá Maior, Mi Maior e Ré Maior.



## LEGENDA

**X** = Corda que não deve ser tocada.

**●** = Corda mais grave que deve ser tocada.

**○** = Cordas que devem ser tocadas.

**① ② ③** = Dedos da mão esquerda.

Acesse este vídeo para praticarmos juntos a montagem e troca desses acordes e usá-los em uma música. <https://youtu.be/1Kqec7sAtcg>

## AGORA É COM VOCÊ!

Logo abaixo estão a letra e a cifra da música que sugeri no vídeo. Após você praticar bastante a montagem e a troca dos acordes, tente tocar junto com a música (<https://www.youtube.com/watch?v=TEjqASLuRGw>)

Faça uma gravação de áudio ou vídeo tocando um trecho de sua escolha da música. Você pode escolher como enviar: uma gravação tocando e/ou cantando a música, ou ainda apenas tocando junto com a música

Aguardo sua gravação e lhe desejo uma boa semana!!



Este é o vídeo que completou a aula: [Vídeo Aula - Acordes - Estágio 3.](#)

### 3.4 Aula 3 – Como as músicas são criadas?

A partir da terceira aula, meu colega não mais participava da turma de estágio e eu passei a ser o único responsável pela produção dos vídeos e textos para os alunos do 3º ciclo. A partir dessa aula, também trocamos a ideia de oficina de violão para aulas que não fossem necessariamente direcionadas ao ensino desse instrumento, que continuaria participando das aulas, mas não de forma exclusiva. Ele seria utilizado como meio para se chegar a um objetivo musical, não sendo mais o centro do objetivo da aula, como era na oficina de violão. Abandonamos a ideia da oficina após conversarmos sobre a quantidade de temas ou tarefas enviadas pelos alunos para nós, que foram poucas; trabalhar de forma exclusiva o violão poderia estar contribuindo para isso. Nessa conversa que mencionei estava presente, além da orientadora e dos demais colegas, minha supervisora de estágio.

Como já havíamos planejado e produzido duas aulas – sobre afinação e sobre acordes –, minha orientadora disse que seria importante não perdermos a ideia de continuidade do conteúdo, e minha supervisora trouxe a informação que os alunos dela tinham muita curiosidade em saber “como as músicas são criadas”. Percebemos que tal pergunta poderia render até mesmo mais de uma aula, sendo possível, através dela, abordar conteúdos bem interessantes. A pergunta “como as músicas são criadas?” requer explicações que, para serem compreendidas pelos alunos, exigiram que alguns conceitos fossem apresentados e explorados, para que, então, fosse possível chegar aos procedimentos que eu estava pensando em utilizar na abordagem sobre composição musical. Como esses requisitos eram conteúdos teóricos e, para não ocuparmos o vídeo com esta parte, decidi fazê-lo no texto de apoio, que vinha sendo muito útil até então para organizar melhor o conteúdo e não sobrecarregar os vídeos com informações. Primeiramente, fiz buscas na internet, em blogs e outros canais, para ter ideias de como fazer esse texto para os alunos. Houve muitas correções feitas por minha orientadora até chegarmos a um bom resultado.

Uma delas era alterar o trecho em que eu dizia que “não há um caminho correto para se criar uma música”. Disse ela: “Dependendo da música, há caminhos corretos. O texto não pode ter imprecisões. É melhor dizer que não há um caminho único”.

Outra coisa corrigida foi a parte em que escrevi: “Algumas vezes, você vai escrever a letra primeiro e depois encaixar alguma melodia ou harmonia até achar o formato certo. Em outras, você vai compor um conjunto de acordes muito tri e depois encaixar uma letra e/ou melodia que combina perfeitamente com ele. E em algumas outras vezes – essas mais raras – você vai conseguir compor essas partes da sua música todas juntas.”. Disse ela, através de anotações no plano de aula que retornou para mim: “E para músicas que não têm letra? Outra imprecisão. O que está aqui tem a ver com canção, e não com música de modo geral. E mais: todos sabem o que é harmonia? Mais raras para quem?”.

Havendo outras inconsistências no meu texto, ela me orientou a excluir o parágrafo em que eu tentava explicar como as músicas são criadas, por estar cheio de inconsistências. E me deu a seguinte explicação que viria a me ajudar na reedição do texto: “Existe um princípio básico de criação ou composição, que serve para qualquer música, que é escolher sons e juntar esses sons. Você pode fazer uma analogia com a escrita de um texto: uma redação ou composição. Escolhemos palavras e juntamos essas palavras, para formar frases, dependendo do que queremos dizer. Essas frases formam parágrafos etc. Para compor música é a mesma coisa. Diga que existem muitas técnicas e que você escolheu uma, que tem a ver com o modo como são criadas muitas das canções que ouvimos no dia a dia.”. Além disso, e do conhecimento sobre o assunto compartilhado em nosso encontro semanal pelos colegas, busquei complementos para o texto no livro *Aprendendo a compor*, de John Howard (1991).

Então refiz o texto, por mais de uma vez. Estava ciente do que dizer, só precisava encaixar as palavras certas. Queria dizer aos alunos que a ideia central de uma composição musical é selecionar sons e combiná-los e que não existe um único caminho para isso, que depende também do tipo de música e/ou da escolha do processo de criação e que, para nossa aula, pensaríamos em como são criadas as canções, que é essa música tocada e cantada que ouvimos no nosso dia a dia. E, ainda, que existem muitas formas de se fazer uma canção e que não teríamos como abordar nem superficialmente todas elas; então, escolhemos uma delas para desenvolvermos. E consegui organizá-las bem. Ficamos – eu e minha orientadora – bem satisfeitos com o seguinte texto inicial.

*“Você já se perguntou: Por onde começo a criar uma música?”*

*Primeiro é importante que você entenda que criar (compor) música é qualquer atividade em que há invenção ou manipulação de ideias musicais, seleção e relação de materiais sonoros, seguido de organização dessas ideias e/ou materiais, com alguma intenção. O princípio central, então, é: selecionar sons e combiná-los.*

*Beleza! Mas...qual o caminho?*

*Bom, respondendo de forma rápida, não há um único caminho. Primeiro porque existem muitos tipos de músicas: só cantada, só tocada, cantada e tocada, com inúmeras possíveis combinações de instrumentos, entre outras coisas. E em segundo lugar porque, mesmo que escolhêssemos fazer um único tipo de música, ainda assim poderia haver mais de um caminho.*

*Para nossa atividade, pensaremos no estilo canção, que é essa música tocada e cantada que ouvimos no nosso dia a dia. Ela geralmente é feita assim: Primeiro a harmonia (acordes com ritmo tocados nos instrumentos), a parte percussiva/rítmica (bateria), depois é feito a melodia e a letra da música.”*

Durante a fase de planejamento dessa aula, ainda em nosso encontro, concordamos que seriam muitas atividades para o aluno se ele tivesse que se envolver com a criação das três partes dessa proposta mencionada: harmonia, ritmo e melodia. Isso poderia confundi-lo e desanimá-lo no meio do caminho. Então, pensamos em focar nas dicas de composição voltadas para a melodia. Para isso, disponibilizaríamos uma base harmônica/rítmica com os três acordes maiores trabalhados na aula anterior (Lá, Ré Mi), para que o aluno pudesse desenvolver sua melodia sobre essa base; a videoaula seria usada para apresentar dicas para composição de melodias, explorando conceitos e procedimentos que pudessem ser apropriados para qualquer instrumento, sendo de fácil compreensão e fugindo de termos teóricos musicais complexos.

Considero que essa aula foi uma das mais difíceis de planejar dentre as que fiz durante meu estágio, incluindo o estágio presencial no semestre anterior, pois o fato de não sabermos ao certo o nível de conhecimento musical dos alunos me

deixou em dúvida quanto à abordagem que eu usaria. O objetivo dessa aula não era apenas a compreensão teórica por parte do aluno de como as músicas são criadas, mas que ele, a partir de alguma prática, participasse do processo de criação de uma música.

Recapitulando para melhor situar o leitor no desenrolar dos acontecimentos: eu já tinha definido que essa aula sobre “como as músicas são criadas” começaria por um texto que daria aos alunos uma ideia geral sobre isso e que, no vídeo, seriam apresentadas dicas para a composição de melodias, culminando na composição propriamente dita da melodia, por parte dos alunos. Para essa última parte se realizar, os alunos receberiam também um link que os levaria à mesma base rítmica/harmônica do vídeo, que seria usada para explorar as tais dicas para a composição de melodias.

Essa base continha os acordes ensinados na aula anterior: Lá Maior, Ré Maior e Mi Maior. Optei por não incluir acompanhamento rítmico, pois isso poderia sobrecarregar de informações sonoras o áudio. Dessa forma, saímos da ideia de oficina de violão sem nos desconectarmos totalmente do que já havíamos feito. Essa base de acordes foi gravada e elaborada por mim utilizando o programa MuseScore, tanto para escrevê-la como para extraí-la no formato de áudio (mp3).

Mas o principal ainda não estava pronto, que era produzir um vídeo com dicas para compor uma melodia. Eu precisava mostrar alguns exemplos de melodias improvisadas e era importante que fossem sobre a mesma base de acordes, a partir da qual os alunos também desenvolveriam as suas melodias. Como toco outros instrumentos além do violão, pensei que seria interessante utilizá-los no vídeo para demonstrar que os procedimentos utilizados poderiam servir para qualquer instrumento. E, para isso, escolhi utilizar violão, saxofone, teclado e minha voz. Eu apresentaria três dicas para o aluno:

a) 1ª dica: utilizando o violão, começo “andando” pelas notas em direção às notas mais agudas e voltando para as mais graves. Digo que, dependendo do instrumento, esse movimento pode ser entendido como feito da esquerda para a direita (teclado, por exemplo) ou de cima para baixo (instrumentos de sopro, por exemplo). O importante seria brincar com o movimento do som originado por esse deslocamento dos dedos pelo instrumento, não se preocupando caso algumas notas estranhas ao ouvido aparecessem no caminho. O importante, nesse caso, era

propor a movimentação do som através desse caminhar pelo instrumento, sem entrar em conceitos de escalas, estruturas e padrões intervalares.

b) 2ª dica: em seguida, diria e mostraria que, enquanto acontece a prática do primeiro exercício de caminhar pelo instrumento, *subindo e descendo pelo som*, tento perceber se algumas notas parecem se encaixar mais no ouvido, através de uma sensação de conforto e repouso, e se outras notas geram sensação de tensão ou pedem mais movimento. Dessa forma, procurei despertar no aluno a possibilidade de perceber consonâncias e dissonâncias da melodia em relação à base harmônica, e que tal distinção se faz através da percepção dos sons produzidos, unindo, assim, minha segunda dica à primeira. Para facilitar a compreensão disso, mostrei, no vídeo, dentre as notas escolhidas para minha melodia, que algumas transmitiam uma ideia de tensão ao ouvido, em relação à base harmônica. Essa sensação é do tipo que “pede movimento para outra nota”, mas que tal ação não era obrigatória e que, se houvesse a opção de fazê-la, ou seja, continuar caminhando pelo instrumento, poderia chegar a outras notas de mesma característica ou em outras notas que, por sua vez, produziriam uma sensação de conforto, conclusão e repouso, e que aqui também o criador da melodia poderia decidir por parar nelas ou continuar seu caminho. Achei importante despertar essa consciência sonora no aluno para que ele tivesse mais possibilidades quando fosse compor sua melodia; tais possibilidades poderiam ser conhecidas quando ele refizesse o “caminhar pelo instrumento” buscando essas sensações na percepção do som.

c) 3ª dica: nessa sugestão eu usaria poucas, em função da proposta de enfatizar a variedade rítmica dos sons como possibilidade de uso no processo de criação do objeto fim, a melodia. Escolhi usar poucas notas justamente para mostrar que não precisamos de muitas delas para compor uma melodia e que a liberdade em seu uso, no que diz respeito a escolha de quando, quanto e por quanto tempo tocá-las, é uma ótima possibilidade a ser explorada no momento de praticar a composição.

Elaboramos essas ideias juntos, eu diria. Não tenho isso muito claro na memória. Tenho anotado em meus arquivos alguns procedimentos possíveis que, pelo que me lembro, nasceram entre mim, meus colegas e a orientadora enquanto íamos imaginando algumas possibilidades para meu plano de aula. A primeira das ideias, não. Ela foi apresentada em aula por mim e nasceu quando peguei o violão em casa para fazer o que chamo de “refletir musicalmente” sobre alguma coisa e

comecei a fazer algo que remeteu ao *walking bass* usado no contrabaixo. Dali para pensar em dizer para o aluno “andar” pelas notas foi algo rápido. A terceira ideia veio da orientadora que, sendo a caríssima professora que é, me sugeriu: “Use algo rítmico, menos notas”. A outra ideia tem sua origem em algum momento de dentro daquelas quase quatro horas semanais em que, naquela quinta-feira à tarde, quatro pessoas – que não desligavam a câmera – estavam concentradas no propósito de, juntas, pensar nessas coisas. Buscar por esse momento na memória faz com que eu visite outros que, sendo diferentes, deixam interessante a busca. E, mesmo não encontrando o que vim buscar, porque as lembranças trazem apenas fragmentos do momento que busco, me sinto agradecido pela reflexão.

Planejado isso, era hora de gravar e editar para que coubesse em torno dos 4 minutos propostos para o vídeo. Após refazer o texto e deixá-lo menor, substituindo palavras, tendo o cuidado de evitar perder algo importante quanto ao conteúdo e aos procedimentos, ensaiei o roteiro e até mesmo algumas falas do vídeo. Tais fatos estavam conectados a regravações e edições, sendo a versão final do vídeo recebida pelos alunos com a duração de 3 '59". Era importante não termos um vídeo muito longo porque, nessa aula, havia um segundo vídeo – com link também disponível no texto enviado –, com 2 minutos, e que os levaria para um vídeo com a base harmônica/rítmica com a qual poderiam praticar os procedimentos. Nesse link, além do áudio, escrevi a cifra que aparecia como legenda dos acordes executados. Foi o mesmo áudio que usei para explorar as dicas no vídeo explicativo. Para unir áudio – extraído do Musescore – e cifras, utilizei o programa Filmora, mesmo programa que vinha usando para edições anteriores, e mantive nas demais.

Apesar das dificuldades mencionadas, creio que o vídeo dessa aula teve bons exemplos de como criar uma melodia sobre uma base harmônica, com três sugestões que esclareceram esse processo, de forma bem diversificada, por ter gravado os exemplos em instrumentos diferentes. Considero a opinião e participação dos colegas e da minha orientadora fundamentais para o resultado dessa aula, pois a mesma passou por muitas “idas e vindas” até chegar ao resultado final. Conforme Spanhol e Spanhol (2009, p. 8), o acompanhamento e aprimoramento do fluxo do processo de produção de videoaulas torna possível “inferir modificações e melhorias para garantir a eficiência e eficácia dos produtos audiovisuais, promovendo a melhoria contínua das videoaulas, buscando a

excelência na efetivação da disseminação dos conteúdos necessários aos aprendizes”.

Estava tudo pronto. Era só incluir, ao fim do texto, a tarefa dos alunos. Era importante recebermos um retorno, mesmo sabendo que nem todos teriam condições de fazê-lo. Para tal, pedimos que os alunos enviassem uma gravação – áudio ou vídeo – tocando e/ou cantando uma melodia composta por eles, utilizando a base que enviei. Essa gravação serviria para que pudéssemos apreciar as melodias criadas pelos alunos e verificar se e como usariam as dicas que assistiram. Será que pensariam mais ritmicamente ou melodicamente? Veríamos algo diferente, inovador? Havia essa curiosidade. E tivemos retornos. Foram quatro.

Uma aluna enviou um áudio em que, utilizando a base que enviamos, cantou uma melodia no estilo recitado rítmico como no rap, para nos presentear com este texto:

*“Olha! Vou cantar, escuta essa Música...*

*Na verdade, eu vou improvisar. Não aguento mais ficar em casa. A pandemia tá que não acaba. Queria ir pra escola para ver os meus amigos mas minha família é grupo de risco. Imagina como isso ia ser difícil. Queria muito ver eles, mas é a vida. Tá muito complicado, eu achei que ia durar apenas 3 meses essa pandemia. Não aguento mais ficar em casa só estudando no computador. Queria ir no colégio ver os professores lá no quadro e eu sentada na cadeira copiando tudo e falando com os colegas mas, isso não tem como voltar no tempo. Vamos esperar pra ver o que vai acontecer. Espero que todo mundo esteja se cuidando. Tem muitas pessoas que estão indo, não estão conseguindo sobreviver. Espero que todos consigam lutar e juntos vamos ser fortes. Sempre se cuidando porque não tá fácil mas é a vida e isso um dia vai acabar. Espero que tenham gostado”.*

Achei emocionante ouvir a aluna. Pude sentir um pouco como ela se sentia quando gravou o áudio.

Um outro áudio chegou – sempre via supervisora ou orientadora – e era de uma aluna tocando teclado sem outro acompanhamento. Parecia que ela estava executando a melodia da música Aleluia – aquela que aparece no filme “Shrek” -

acrescida de algumas outras notas que pareciam ser improvisadas. O áudio tinha 30 segundos.

Num vídeo de 20 segundos, uma aluna, que está sendo filmada por uma terceira pessoa que não aparece no vídeo, mas diz “Foi!” para avisá-la que tinha começado a gravar, está sentada em frente ao teclado e um outro celular está apoiado sobre ele, rodando um aplicativo que ensina a tocar músicas no teclado, mais especificamente, acordes. Ela vai repetindo no instrumento o que aparece na tela do celular. Ela usa ambas as mãos para isso e o que se sucede é uma progressão harmônica de acordes de três sons, maiores e menores. Ela tinha domínio do ritmo, dava para perceber a sincronia entre a execução dela e o que acontecia no aplicativo, e, durante o tempo em que apareceu no vídeo, seguiu fazendo isso.

Num outro vídeo, uma aluna tocava sua flauta doce em frente à câmera e, antes de ela começar, é possível ouvir “Vai!”, que é dito pela pessoa que está filmando, uma mulher. A aluna articula, sem variação rítmica e sem acompanhamento, uma melodia usando as notas Sol, Lá, Si e Dó, misturando-as, fazendo parecer ser algum exercício prático de intervalos. Ao fundo, apenas o áudio da TV ligada, de onde se ouve a narração de um gol de futebol, que distrai a aluna e acaba por encerrar o vídeo.

A seguir, apresento o texto enviado para os alunos.

Tudo bem? Espero que sim.

A aula de hoje está muito legal!!!

Você já se perguntou “Por onde começo a criar uma música?”

Primeiro é importante que você entenda que criar (compor) música é qualquer atividade em que há invenção ou manipulação de ideias musicais, seleção e relação de materiais sonoros, seguido de organização dessas ideias e/ou materiais, com alguma intenção. O princípio central, então, é: selecionar sons e combiná-los.

“Beleza! Mas, qual o caminho?”

Bom, respondendo de forma rápida, não há um único caminho. Primeiro porque existem muitos tipos de músicas: só cantada, só tocada, cantada e tocada, com inúmeras possíveis combinações de instrumentos, entre outras coisas. E em segundo lugar porque, mesmo que escolhêssemos fazer um único tipo de música, ainda assim poderia haver mais de um caminho.

Para nossa atividade, pensaremos no estilo canção, que é essa música tocada e cantada que ouvimos no nosso dj-a-dja. Ela geralmente é feita assim: Primeiro a harmonia (acordes com ritmo tocados nos instrumentos), a parte percussiva/rítmica (bateria), depois é feito a melodia e a letra da música.

Você lembra dos acordes que ensinei na aula passada? Lá Maior, Ré Maior e Mi Maior? São eles que usaremos como base de acordes. Quando os acordes vêm em uma sequência, chamamos de progressão harmônica.

Proponho à voçê que façamos uma canção juntos, onde você criará uma melodia sobre esta progressão harmônica que mencionei.

Dica: não se preocupe se sua melodia estará certa ou errada! Apenas deixe seu ouvido lhe guiar e explore sua criatividade.

Veja este vídeo onde deixo algumas dicas com exemplos de melodias que fiz.

<https://youtu.be/1ud-NzmBO2Q>

**É CLARO QUE QUERO MUITO OUVIR O QUE VOCÊ VAI CRIAR.**

Me envie um áudio ou vídeo tocando ou cantando sua melodia. Use a base de acordes a seguir para lhe auxiliar <https://youtu.be/AW1L1uCK9sc>

Acima de tudo, SE DIVIRTA!!!!

Um grande abraço, e boa semana!!

Este é o vídeo com os procedimentos para a criação de melodias: [Dicas para criar melodias](#) e este, para a prática da atividade: [Base de acordes para criar/improvisar melodias](#).

### 3.5 Aula 4 – Padrões rítmicos

A partir da quarta aula, tudo começou a ficar mais fluido, mais natural, desde os encontros semanais com a turma de estágio até o produto final, desde o início do plano de aula até o mesmo transformado em vídeo e texto. Planejar e construir uma aula tinha agora a aparência de uma sequência lógica e, para mim, isso ajuda bastante, pois, compreendendo que o caminho para se chegar ao destino – a aula como um produto – passa pela prática do planejamento e da produção, fica muito mais fácil dominar o processo.

Prever situações de questionamentos e dificuldades dos alunos aumentou nosso campo de conhecimento, muito embora tenhamos em mente que todo o processo deve ter um acompanhamento e ajustes quando necessário dependendo das condições de cada aula. (SANTANA; JANUARIO, 2018, p. 10)

Claro que tínhamos que ir através do caminho que vínhamos percorrendo, continuar através dele, e a primeira coisa seria, conforme ocorrido nas semanas anteriores, definir o tema da aula. Em nosso encontro de estágio semanal, revisitamos os temas já trabalhados (afinação, acordes e criação de melodias) e pensamos que poderíamos ir numa direção mais rítmica; parecia que faltava isso para dar uma “equilibrada” nos assuntos, além de que, dependendo de como a aula fosse feita, poderíamos ter a aula mais acessível dentre todas até então, uma vez que não precisaríamos usar um instrumento específico – o violão, por exemplo – para explorarmos padrões rítmicos.

Poderíamos fazer essa aula de inúmeras maneiras e abordagens, mas qual? Precisávamos deixar claro que ritmo é um elemento que faz toda a diferença quando criamos uma música. Seria interessante que o nosso aluno fosse estimulado a perceber essa diferença por conta própria e uma das primeiras coisas que pensamos foi que, no vídeo, poderíamos mostrar as músicas das aulas anteriores – Parabéns a você e Trem Bala – em diferentes padrões rítmicos. Mas quais padrões? Conversando com minha supervisora e pesquisando o que os adolescentes estavam ouvindo, três gêneros musicais ficaram em evidência: sertanejo universitário, pagode e funk. Abordar os três gêneros em uma aula seria fazer isso superficialmente, mas também não precisávamos dar exclusividade a um único gênero. Então, decidimos deixar o funk para uma aula futura e abordar nessa

aula os padrões rítmicos dos gêneros pagode e sertanejo universitário, através das músicas mencionadas.

Existem muitas variações quanto à execução rítmica dentro de um mesmo gênero musical. Nossa abordagem de padrão rítmico precisava ser simples, de fácil execução, e precisar trazer ao resultado sonoro a ideia de estarmos fazendo pagode e sertanejo universitário. Comecei a trabalhar nisso. Comentei com minha orientadora que gostaria de utilizar sons corporais para tal. Ela concordou, achando boa a ideia, e sugeriu que não fossem movimentos corporais exagerados em quantidade ou dificuldade. Já havia percebido isso, enquanto trabalhava na construção dos padrões utilizando sons corporais, e percebi que isso era muito importante, pois o objetivo era que, após demonstrarmos em vídeo, a execução dos padrões rítmicos acontecesse por parte do aluno. Ou seja, não poderia ser difícil para eles e, muito menos, para nós. Lembro que tentei ensinar minha filha de 8 anos como forma de praticar a explicação que usaria e ao mesmo tempo verificar o nível de dificuldade da atividade. Como ela é bem mais nova que os alunos da minha turma de estágio, seu desenvolvimento musical acontece de maneira diferente e foi necessário algumas repetições por parte dela. Não lembro ao certo quantas repetições fiz, mas o mais importante é que não foram numerosas a ponto de fazê-la perder o interesse na atividade ou não conseguir executar o padrão.

Já tínhamos boa parte do planejamento desenvolvido. O tema da aula, as músicas que usaríamos e a definição da produção de um vídeo como forma de abordagem e explicação dos padrões rítmicos escolhidos. Era necessário pensar no roteiro desse vídeo. Como a melodia de Parabéns a você é conhecida por muitas pessoas, decidi executá-la no início do vídeo, utilizando o violão, uma vez com *batida* de pagode e, numa segunda vez, utilizando *batida* de sertanejo universitário. Em seguida, haveria também a execução de um trecho curto da música Trem Bala, trabalhada na aula anterior, com ritmo de pagode e, logo após, na versão de sertanejo universitário. Dessa forma, o aluno poderia perceber que a diferença dessas versões estava no padrão rítmico, uma vez que os acordes eram os mesmos da outra aula (Lá, Ré e Mi), assim como a melodia e a letra das músicas. Assim, seria possível evidenciar que o ritmo é um dos principais elementos que caracterizam um tipo de música, que chamamos de gênero musical – expressão que renderia uma aula, num futuro breve.

Ainda no vídeo, logo após a execução das músicas nas versões mencionadas, destacaria dois padrões rítmicos usando sons corporais que representassem o pagode e o sertanejo universitário. Lembro que assisti no YouTube a vídeos de músicos e professores de música fazendo padrões de ambos os gêneros utilizando sons corporais. Havia muitas propostas. Isso me inspirou a desenvolver os meus padrões. Para isso, achei que o estalo dos dedos e a batida da mão junto ao peito seriam suficientes; bastava misturá-los para que, através da combinação dos timbres e da sequência escolhida para tais movimentos corporais, surgisse um padrão que poderia ser usado para o pagode e outro para o sertanejo universitário. Não era possível utilizar a partitura para isso, pois nossos alunos não tinham conhecimento de leitura musical. Criei, então, uma sequência de figuras de estalos de dedos e batidas no peito que auxiliariam visual e temporalmente a compreensão e execução dos padrões que eu demonstraria no vídeo. Minha ideia inicial era deixar essa legenda de sons junto ao vídeo, mas, ao sincronizar a legenda junto ao vídeo, achei que tal escolha poluiu demais, acabando por atrapalhar e tirar o foco da explicação. Decidi, então, deixar essa parte no texto de apoio que iria aos alunos.

Junto a essa legenda que os alunos receberam, incluí no texto algumas características sobre os dois gêneros – pagode e sertanejo universitário – como estratégia para o aluno saber um pouco mais sobre o assunto. Faltava, como última parte da aula, definir a atividade que pediríamos aos alunos que fizessem. Eu queria ver e/ou ouvir como os alunos executavam o que foi solicitado. Para isso, solicitei que nos enviassem um pequeno áudio ou vídeo – o que considerassem melhor – executando o padrão rítmico, com sons corporais, de um dos dois gêneros musicais vistos nesta aula. Para esse registro, sugeri aos alunos que utilizassem a canção Parabéns a você como base da sua gravação – que está no vídeo dessa aula – ou escolhessem outra música que pertencesse a um desses gêneros musicais. Com base no áudio/vídeo enviado pelos alunos, poderíamos verificar se, através dos exemplos feitos por mim no vídeo e da exploração dos sons corporais por parte deles, conseguiram executar um dos dois padrões rítmicos sugeridos. E tivemos quatro retornos. Um vídeo de 4 segundos em que o aluno, sem acompanhamento, executa uma vez o padrão rítmico do sertanejo universitário, conforme ele viu no vídeo que recebeu. Num outro áudio, um segundo aluno executou o padrão rítmico do pagode durante 30 segundos, conforme demonstrei com sons corporais,

mantendo a execução num andamento moderado. Em outro áudio de 20 segundos recebido, uma aluna executou uma sequência variada de sons corporais que lembra nosso funk. Recebemos ainda um vídeo em que o aluno canta Parabéns a você e faz o acompanhamento com sons corporais – estalos dos dedos e batida no peito – numa sequência que lembra o baião. Ele mantém o andamento e a ordem dos sons que propôs para tal.

Este é o material – vídeo e texto – que os alunos receberam para essa aula:

[Padrões Rítmicos:](#)

Olá pessoal!

Como estamos nessa semana?

Espero que bem...

Vimos em nossas aulas anteriores algumas estruturas que fazem parte do processo de criar uma música: Acordes, que são usados para definir uma harmonia (que seriam a base de uma casa) e algumas ideias para criarmos melodias (com ou sem letra) sobre uma harmonia previamente definida.

Tem outro elemento que faz toda a diferença quando criamos uma música.

Vamos ver se vocês percebem qual é. Veja este vídeo:

<https://youtu.be/1bLz5keBB1s>

Agora quero ver você "pagodando" e "sertanejando"!!!

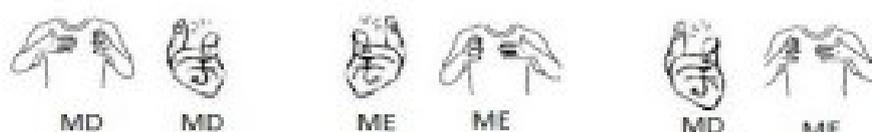
(Essas palavras não existem, ok?)

Me envie um pequeno áudio ou vídeo (o que ficar melhor pra você) tocando o padrão rítmico -utilizando sons corporais - de UM dos dois gêneros musicais vistos nesta aula.

Para este registro, você pode usar o PARABÉNS À VOCÊ como base da sua gravação (que está nos vídeos desta aula) ou escolher uma outra música que seja destes gêneros musicais.

Vou deixar também algumas características de ambos gêneros musicais para você conhecer um pouco mais sobre eles. Além disso, os padrões rítmicos que estavam no vídeo você encontra aqui também.

#### Padrão Rítmico Pagode



ME = Mão Esquerda

MD = Mão Direita

#### Padrão Rítmico Sertanejo Universitário



ME = Mão Esquerda

MD = Mão Direita

**PAGODE:** Em seu sentido original, pagode significava mais do que um tipo de música. "Pagode" foi o nome dado por negros brasileiros a um tipo de festa onde se fazia folia, dançando, comendo, conversando e, é claro, tocando música (samba). Foi só no final dos anos 70 e começo dos 80, quando houve uma renovação do samba de roda carioca, liderado principalmente pelo grupo Fundo de Quintal, que o termo "pagode" tomou o significado que conhecemos hoje.

Com a popularidade do Fundo de Quintal, outros grupos acabaram surgindo e para facilitar à entrada destes no mercado musical pensou-se em um nome novo à coisa, para se distanciar da ideia de "coisa antiga" que o samba carregava. Escolheram uma palavra que já era usada, ou seja, que tinha uma boa aceitação: Pagode.

As diferenças musicais foram se formando a partir dali: o samba (na sua raiz) era feito com bastante instrumentos de percussão (pandeiro, tamborim, reco-reco, ganzá, etc) e harmonia (lembra dessa palavra?) com acordes mais simples. As letras eram de protesto à alguma coisa ou falavam mais sobre a realidade em que se vivia.

O pagode introduziu instrumentos eletrônicos (teclados, sintetizadores) harmonias às vezes mais elaboradas e letras que falam sobre o amor e as relações amorosas.

Tem gente que faz pagode com algumas características do samba e gente que faz samba com características de pagode. Atualmente os dois estão bem misturados.

**E sobre o sertanejo Universitário, você sabia que é um tipo de música que mistura principalmente forró, sertanejo raiz e arrocha. Canções com harmonia simples (lembra dessa palavrinha?) com, geralmente, 4 acordes predominam aqui e, por conta dos cantores do gênero serem em sua maioria jovens, é considerado "universitário".**

Em vez dos tradicionais acordeões e violões usados no tradicional sertanejo, sintetizadores, teclados e instrumentos de percussão além de guitarras elétricas começaram a ser usados com mais frequência.

Com uma "batida" dançante, letras de fácil memorização e com um teor que interessam principalmente aos jovens (relacionamento amoroso e baladas), o sucesso do Sertanejo Universitário tem feito com que surjam com frequência novas duplas (geralmente duplas.)

Muito obrigado pela parceria até aqui!  
Espero que você tenha gostado do assunto de hoje.

Um grande abraço e até semana que vem!

### 3.6 Aula 5 – Gêneros musicais

Em nosso encontro semanal de estágio, após a última aula sobre padrões rítmicos, recomeçamos o processo que vínhamos fazendo. A primeira coisa a ser feita era pensar no tema e conteúdo da próxima aula. Desde o início, vínhamos definindo semanalmente isso juntos, nos ajudando, e, em seguida, começava o planejamento individual, com definição dos objetivos, das atividades a serem desenvolvidas e dos procedimentos a serem utilizados. Nessas conversas, algumas propostas surgiam e ficavam guardadas como possibilidades para aulas futuras, como aconteceu com a ideia de fazermos uma aula voltada ao funk. Outra proposta que estava reservada, para a última aula, era trabalhar algo relacionado a uma “música com a sua cara”. A orientadora nos fez compreender que pensar nas aulas na medida em que iam acontecendo dificultaria um pouco o planejamento geral, por não termos uma noção de longo prazo; mas salientou que não haveria problema se trabalhássemos assim, desde que as propostas semanais se comunicassem umas com as outras, ou seja, não fossem desconexas. Nessa semana, a da quinta aula, estávamos refletindo juntos sobre o que teria conexão com o assunto anterior e pensávamos: “O que tem ligação com padrões rítmicos?”; “Onde ele está presente?”; “Quais tipos de padrões rítmicos existem?”. Pensando sobre isso, percebi que “gêneros musicais” poderia ser uma resposta para essas perguntas.

Sendo esse um assunto que poderia render várias horas de vídeo e inúmeras páginas de texto, precisava focar em um conteúdo específico sobre gêneros musicais, sem deixar para trás a abordagem dos elementos que constroem e determinam um gênero musical. Mas qual parte específica? Estava claro que precisava aproximar nossos alunos de um conceito sobre o tema. Algo que fizesse o aluno entender quais são as semelhanças entre as músicas que se agrupam num mesmo gênero musical. Então, comecei a trabalhar nisso e, aproveitando que usamos sertanejo e pagode na aula anterior, comecei a desenvolver um texto a partir disso: *“Quando dizemos que certas músicas são pagode ou sertanejo, por exemplo, é porque elas têm certas semelhanças ou características em comum. E são essas semelhanças que caracterizam o que chamamos de gênero musical. Isso quer dizer que pagode, sertanejo etc. são gêneros musicais, isto é, são tipos de música.”* Claro que o texto foi sendo lapidado e desenvolvido até chegar ao

resultado final, pois uma coisa era a ideia que eu tinha em mente e outra coisa era organizá-la em frases coesas, acessíveis e sucintas.

Mas por que fazer isso? Por que classificarmos as diferentes músicas em gêneros musicais? Seria uma pergunta que provavelmente surgiria nos pensamentos dos alunos e eu precisava antecipar as possíveis dúvidas e curiosidades. Não tendo uma resposta pronta para isso, fui consultar a literatura sobre o assunto. De acordo com Simon Frith (1996), por exemplo, são os gêneros que determinam

como as formas musicais são apropriadas para construir sentido e valor, que determinam os vários tipos de julgamento, que determinam a competência das diferentes pessoas de fazer comentários. É através dos gêneros que nós experimentamos a música e as relações musicais, que nós unimos o estético e o ético. (FRITH, 1996, p. 95).

Classificar a música em gêneros musicais nos ajuda a entender e explicar, para nós mesmos e para os outros, a música que ouvimos e fazemos. Eu não tinha conhecimento suficiente para responder sozinho os possíveis questionamentos que os alunos fariam sobre gêneros musicais e que apareceram em nosso encontro semanal de estágio, por exemplo: quais são os parâmetros ou elementos analisados para agrupar músicas em um gênero musical específico? Eu sabia que o padrão rítmico é um deles, que os instrumentos utilizados e o modo como são tocados também contribuem, mas sabia que estava incompleto. Não tínhamos aulas síncronas e nem tempo para esperarmos as perguntas dos alunos virem, após uma semana, para, então, respondermos e aguardarmos mais uma semana para o aluno nos dizer se compreendeu. Não havia uma comunicação rápida entre nós e os alunos. Novamente, consultando fontes sobre o assunto, percebi que a definição de um gênero musical é um tanto complexa, pois é resultado de diversas observações feitas. Para o musicólogo Franco Fabbri (2017), gênero musical

É um conjunto de eventos musicais (reais ou possíveis), cujo curso é governado por um conjunto definido de regras abertamente aceitas socialmente. Tais regras seriam compostas de determinantes técnico-formais (melodia, harmonia, arranjo, etc.), semióticos, comportamentais, sociais, ideológicos, econômicos e jurídicos, e estariam diretamente relacionadas a uma determinada “comunidade musical”, que não necessariamente coincide com aqueles presentes no momento em que os sons são ouvidos, isto é, representam antes

uma associação imaginária ao conjunto de “regras” características daquele gênero. (FABBRI, 2017, p. 52).

Tais características seriam formadas por vários elementos, dentre eles: tipos de instrumentos usados, padrões rítmicos, modos específicos de se tocar, modos específicos de se cantar, além de fatores históricos, culturais, estéticos e sociais. Observar tais características, além de nos ajudar a entender como as músicas são criadas e classificadas, facilita a busca por músicas de um determinado gênero. Qualquer pessoa pode fazer uma busca na internet por “músicas de rock”, por exemplo, e várias músicas relacionadas a esse gênero aparecerão. Além disso, pode facilitar a compreensão de como compor um material musical relacionado a um determinado gênero musical.

Tínhamos várias informações importantes prontas para incluirmos no material que enviaríamos aos alunos, mas ainda era preciso desenvolver a explicação sobre os elementos que determinam a classificação de uma música em um gênero específico. Sendo que cada gênero musical reúne suas próprias características, e não havendo espaço e tempo para falarmos sobre todos, era preciso escolher um gênero para que servisse de exemplo. Novamente o funk era uma das opções que sabíamos que os nossos alunos iriam gostar, pois minha supervisora já havia citado as preferências musicais dos alunos, mas sendo o rock também uma dessas preferências – além de ser uma preferência musical minha –, foi ele que escolhi. Naquele momento decidimos que faríamos a próxima aula exclusiva sobre o funk, mas, para essa aula, o rock seria escolhido como exemplo para explicarmos os elementos observados ao classificarmos uma música em um gênero específico. Era hora também de definir os objetivos da aula, pois, quanto mais eu pesquisava sobre o assunto e ia desenvolvendo o plano de aula, mais eu percebia que o conteúdo não parava de aumentar; então, era preciso definir os objetivos para que a aula não ficasse ampla demais, com muitos conteúdos. Observando o conteúdo e as ideias que eu tinha até o momento, defini os seguintes objetivos específicos: “Aproximar-se do conceito de gênero musical; conhecer elementos que caracterizam os gêneros musicais; perceber elementos característicos do gênero rock and roll.”.

No momento de desenvolver isso, vi que não era uma coisa simples de se fazer, pois, muitas vezes, características de um gênero coincidem com as características de outros gêneros. Para “complicar” um pouco mais, também

existem subdivisões de um mesmo gênero. Além disso, um mesmo artista ou grupo pode criar ou tocar músicas que se enquadram em diferentes gêneros musicais. Por exemplo, as músicas dos Beatles podem ser rock, pop, classic rock, oldies, early rock 'n' roll, British blues & rock, British invasion. Isso acontece porque o grupo tem muitas músicas compostas e essas músicas têm características diferentes.

Não tinha como explicar tudo. Era preciso definir o que entraria na aula. Então, comecei a pesquisar e pensar como os elementos usados para classificar uma música em um gênero específico se relacionam com o material sonoro desse gênero e destaquei o que achei mais fundamental. Em seguida, fiz uma análise de como essas características são observadas no rock. Por exemplo:

- Tipos de instrumentos usados: Aqui eu precisaria dar ênfase nas guitarras.
- Padrões rítmicos: Não existe um único padrão rítmico para o rock. Uma prova disso é que existem vários subgêneros de rock. Mas poderia falar sobre a característica rítmica do rock: caráter contagiante, vibrante, brilhante, metalizado.
- Modos específicos de se tocar: Poderia estimular os alunos a perceberem, com exemplos, que, geralmente, no rock a bateria tem uma levada marcante e bem presente – com bastante volume. O baixo reforça o padrão da guitarra e/ou da bateria, e uma das guitarras – geralmente, há mais de uma – faz alguns floreios para enriquecer a melodia que o cantor está fazendo, usando um efeito de distorção – que é uma espécie de sujeira no som – e, geralmente, faz um solo no meio da música.
- Modos específicos de se cantar: Geralmente, os vocalistas exploram o agudo e fazem uso do drive, que soa como uma voz rouca.
- Fatores históricos: A pergunta “quando exatamente surgiu o rock?” iria ficar sem uma resposta fechada e final. Não existe na literatura uma resposta simples e direta, já que o rock nasceu como parte de um processo revolucionário, tanto no aspecto musical quanto no comportamental. Foi consequência da mistura de outros gêneros musicais na década de 1950; isso é fato, mas as raízes já se mostravam presentes em décadas anteriores.
- Fatores culturais: Os clipes de Madonna (cantora pop-rock) na década de 80, com teor sexual, e o rebolado de Elvis Presley, ainda na década de 1950, fizeram com que o rock sempre fosse sinônimo de rebeldia e influenciasse a cultura por onde passava. A vibrante história do rock and roll é uma semente

para ícones de universos variados e com peso imensurável na trajetória de milhões de pessoas.

- Fatores estéticos: Seria interessante falar sobre isso. Décadas atrás, o rock era um grande agregador de música e vestuário, pioneiro de um proposta músico-visual cheio de irreverência e atitude. A música foi influenciando as roupas e estas foram se modificando de acordo com a moda de cada década e, às vezes, até mesmo sugerindo a moda.
- Fatores sociais: Quando o rock surgiu nos Estados Unidos, havia uma grande divisão racial na sociedade por lá, bem mais explícita do que a que vivemos hoje. Com o passar dos anos, essa barreira foi sendo quebrada pelos músicos, primeiramente, e, depois, a mídia vendo que poderia lucrar ainda mais com isso, passou a produzir mais artistas: brancos e negros. Cada um tinha seu público fiel, mas, com o passar do tempo, o rock contribuiu bastante para essa exposição de artistas que não fossem exclusivamente pessoas brancas, ao menos no campo musical.

Aprendi muito fazendo essa análise de como os parâmetros apresentados por Franco Fabbri se relacionam com o rock, e queria colocar isso no meu vídeo. Também queria incluir, como recursos, imagens, fotos de shows, de bandas/artistas, fãs, além de áudio de algumas músicas do gênero, para que ajudassem o aluno a perceber elementos característicos do rock and roll, fazendo uso de termos acessíveis e não muito teóricos.

Como o vídeo iria tratar dos parâmetros citados, no texto para os alunos ficariam as outras coisas que pesquisei e aprendi ao planejar essa aula e que relatei até aqui. Para finalizar o plano de aula, faltava definir a tarefa dos alunos e pensei, junto com minha orientadora, que os alunos poderiam escolher duas músicas de um mesmo gênero musical, de sua preferência, e tentar identificar algumas características comuns entre elas, escrevendo as respostas em uma folha e nos enviando uma foto da mesma. Dessa forma, observaríamos se o aluno compreendeu e usou em suas anotações algo relacionado ao que expliquei neste vídeo: [Características do Rock and Roll](#).

Recebemos dois retornos dos alunos. Um deles era de uma aluna que nos escreveu sobre suas duas escolhas: Sweet Child O'Mine, de Guns N' Roses, e Over Again, de Lindsay Dunn. Sobre as características em comum entre elas, nos disse que *“em ambas os vocalistas cantam com muita emoção, o instrumental das duas é*

*bem alto, dá pra identificar baixo, guitarra e bateria; esses instrumentos são bem marcantes nas duas músicas.”. Outra aluna nos escreveu assim: “Sertanejo. As músicas da Marília Mendonça e do Zé Neto e Cristiano têm características em comum como: são sofrência, são românticas, falam sobre pessoas e tem batidas parecidas.”*

A seguir, apresento o texto enviado para os alunos.

Olá, meus queridos e minhas queridas!!!

Tudo belezinha?

Lembram que na atividade passada eu falei do pagode e do sertanejo universitário? Quando dizemos que certas músicas são pagode ou sertanejo, por exemplo, é porque elas têm certas semelhanças ou características em comum. E são essas semelhanças que caracterizam o que chamamos de gênero musical. Isso quer dizer que pagode, sertanejo, etc., são gêneros musicais, isto é, são tipos de música.

Mas por que classificamos as diferentes músicas em gêneros musicais? É que isso nos ajuda a entender e explicar, para nós mesmos e para os outros, a música que ouvimos e fazemos.

Um gênero musical vai se definindo a partir de discussões entre músicos, críticos e fãs. Nessas discussões são analisados vários fatores: tanto elementos musicais – como os instrumentos usados, os padrões rítmicos (como vimos na atividade passada), os temas tratados nas letras e modos específicos de tocar ou cantar – quanto aspectos históricos, culturais, estéticos e sociais.

A classificação da música em gêneros, além de nos ajudar a entender como as músicas são criadas, facilita o acesso a determinados tipos de música. Você pode fazer uma busca na internet por “músicas de rock”, por exemplo, e várias músicas relacionadas a esse gênero aparecerão.

Mas não é tão fácil classificar uma música como um gênero musical. Isso porque ela pode ter características de dois ou mais gêneros e, portanto, pertencer a cada um deles ao mesmo tempo. E, como vimos na atividade passada, quando tratamos do pagode e do sertanejo universitário, as características de diferentes gêneros podem se misturar. Para “complicar” um pouco mais, também existem divisões de um mesmo gênero. Pensem no funk carioca, por exemplo. Funk não é uma coisa só. Temos o funk melody, o funk ostentação, o funk proibidão, o funk consciente.

Tem mais uma coisa. Um mesmo artista ou grupo pode criar ou tocar músicas que se enquadram em diferentes gêneros musicais. Por exemplo, as músicas dos “Beatles” podem ser: rock, pop, classic rock, oldies, early rock’n’roll, British Blues & Rock, British Invasion. Isso acontece porque o grupo tem muitas músicas compostas e essas músicas têm características diferentes (aqueles fatores que eu listei antes).

Cada gênero musical reúne suas próprias características. Às vezes, coincidem com características de outros gêneros e às vezes, não. Veja este vídeo, em que algumas observações sobre o Rock and Roll para que vocês entendam melhor o que é um gênero musical. <https://youtu.be/cue1mTCC0N4>

Agora, usando as informações que você leu aqui e assistiu no vídeo, escolha duas músicas de um mesmo gênero musical (de sua preferência) e tente identificar algumas características comuns entre elas. Escreva suas respostas no seu caderno e tire uma foto para postar na Plataforma CórTEX.

Por hoje é só! Espero que tenham gostado do assunto.

Um abraço e até semana que vem!

### 3.7 Aula 6 – Funk brasileiro

A sexta aula foi uma extensão da aula anterior sobre gêneros musicais. Era um ótimo momento para falar sobre o funk brasileiro, uma das preferências dos alunos. Decidimos, no encontro daquela semana, não adiar novamente o assunto e trabalharmos esse tema. Essa aula aconteceu durante a Semana da Consciência Negra e, conversando com a orientadora e os colegas, percebemos que seria um bom momento para abordarmos o funk, com um conteúdo valorizando sua origem e dando ênfase no aspecto sonoro-musical, além dos outros elementos, sociais, culturais e históricos, que caracterizam um gênero musical e que haviam sido apresentados na aula anterior. E, para começar, eu precisava aprender sobre o assunto funk brasileiro.

Com auxílio da minha orientadora, separamos alguns textos para eu ler: *A Música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*, de Juarez Dayrell (2005), *O funk no Rio de Janeiro: identidade étnica, cultural e social na baixada fluminense*, de Patrícia Rangel (2013), e *O mundo funk carioca*, de Hermano Vianna (1988). Esses textos me ajudaram a entender muito sobre as influências e transformações por que nosso funk passou e eu queria organizá-las cronologicamente para os alunos.

Seguindo a sistemática de enviar um vídeo acompanhado de texto para meus alunos, optei por, primeiramente, planejar o que apareceria no vídeo, e escolhi dividir o conteúdo proposto de forma que, no vídeo, aparecessem, prioritariamente, as características sonoro-musicais do funk brasileiro e, logo em seguida, as características sociais, culturais e históricas do gênero. Tais características foram definidas em nosso encontro semanal no *Google Meet*, assim como os objetivos específicos. Preferi dar prioridade no vídeo para as características sonoras porque é muito mais apropriado falar sobre elas utilizando recurso audiovisual do que explorar isso apenas de forma textual. A videoaula é um interessante instrumento dentre as tecnologias de informação e comunicação, pois pode integrar várias formas de linguagens simultaneamente, dando uma forma mais atraente, empolgante e dinâmica ao processo de ensino (CANDEIAS; CARVALHO, 2016).

Ao pesquisar sobre tais características, descobri muitas coisas que eu não sabia, como o fato de que, ao contrário do que muitos pensam, nosso funk não se originou a partir do funk americano. Este aparece entre outras apropriações e

influências musicais do nosso funk, mas não foi a principal delas. O Miami bass, o tamborzão, o beatbox e outros elementos eletrônicos foram muito mais influentes no processo de formação do funk brasileiro, e contribuíram para que ele definisse características próprias, firmando-se como um gênero musical novo e originando, com o passar do tempo, outros subgêneros.

Fiquei animado com as descobertas e não economizei em exemplos musicais no vídeo para contextualizar as informações sobre as características sonoras do funk que ali eu ia gravando. Nessa aula, não usei nenhum dos instrumentos que eu vinha usando, como violão, contrabaixo e saxofone, pelo fato deles não estarem muito presentes nas músicas que seriam abordadas, além de ter pensado que seria interessante fazer a filmagem num ângulo mais próximo do meu rosto e focar meus esforços na narrativa do assunto, para que o aluno, ao assistir ao vídeo, se sentisse mais próximo de mim, como em uma conversa, e, talvez, assim, prestasse mais atenção no que estava sendo dito. Para isso acontecer, fiz um roteiro cronológico em que abordei as características e transformações sonoro-musicais do funk. Precisava de um roteiro, pois as informações que juntei sobre o assunto, oriundas da literatura lida, eram, em boa parte, novidade para mim, e eu gostaria que a minha gravação tivesse uma continuidade, sem muitos pontos de corte e junção de edição, coisas que eu sabia fazer, mas que tirariam a naturalidade da aula em vídeo, já que ela seria uma conversa sobre funk de 5 minutos aproximadamente. Ao final da gravação do roteiro, percebi que já havia extrapolado o tempo proposto para o vídeo (4'30") e, mesmo cortando, através da edição no Filmora, o espaço "em branco" entre as frases e exemplos, não seria possível reduzir o vídeo para poder inserir outras informações. Sendo assim, as demais características que escolhi apresentar e que também apareceriam no vídeo – sociais, culturais e históricas – precisaram ser organizadas no texto, através de uma compilação de ideias da literatura lida que mencionei.

Para começar o texto, queria logo falar sobre qual é o nome correto desse gênero musical. O funk brasileiro também é conhecido como funk carioca, por ser o local onde é mais conhecido e ali ter tido a sua origem, mais tarde vindo a se diversificar em outros tipos, e isso era importante esclarecer logo. Seguindo no desenvolvimento do conteúdo do texto, queria incluir também a ideia da percepção social sobre o funk ser um movimento que tem uma identidade própria, que integra música, coreografia, vestimentas e comportamentos específicos. Queria ir além e

falar sobre como a periferia se identifica com o funk e através dele expõe tabus, questionamentos e lutas, além de agrupar as pessoas em torno de uma identidade que as une e pode dar visibilidade às pessoas envolvidas dentro e fora da comunidade. Tais ideias foram exploradas no texto.

Como não havia mais tempo de vídeo para gravarmos e eu também queria deixar algo para os alunos sobre os subgêneros do funk, estes ficariam também no texto, na última parte dele, na seção “Saiba mais”, para o aluno explorar e ter uma breve noção das características dos subgêneros do funk, breve noção porque era importante cuidar para não haver excesso de informações, uma vez que eu precisava ainda descrever a atividade daquela semana para os alunos. Então, incluí algumas informações sobre funk ostentação (ou funk paulista), funk proibidão, funk consciente e funk pop.

Sobre a atividade, queríamos que fosse de uma forma que, além de estar relacionada ao conteúdo dessa aula, o funk brasileiro, desse continuidade ao que já havia sido feito nas aulas anteriores. Para isso, fiz uma pesquisa na internet de bases de funk prontas para improviso vocal. Achei muitas delas e separei uma para enviar na forma de link. Com essa base, os alunos poderiam criar uma melodia com letra, cantada ou falada (recitada), e, em seguida, nos enviar um trecho, em áudio ou vídeo, dessa composição. Dessa forma, poderíamos ter uma noção de como os alunos entendem e se relacionam com o gênero musical funk brasileiro, além de verificarmos como se relacionam com a composição melódica, assunto que havíamos abordado na terceira aula, sendo que, nessa aula, seria voltado mais especificamente a cantar ou declamar um funk com letra composta por eles mesmos. Para a base ficar mais interessante, separei alguns personagens (minions e super-heróis da Marvel) dançando e vinculei ao áudio da base enviada para a atividade, cujo resultado pode ser conferido neste link: [Base para Funk](#). A videoaula enviada aos alunos foi esta: [Elementos Sonoro Musicais do Funk](#) e este foi o texto:

Olá pessoal!  
Tudo bem? 

Tenho curtido muito os assuntos de nossas aulas de música e o de hoje não vai ser diferente: FUNK!!!

O funk no Brasil – também conhecido como Funk Carioca, por ser o mais conhecido e ter dado origem aos outros tipos de funk brasileiros – vai além de ser um **gênero musical**: é um movimento **social** que tem uma identidade própria, integrando música, coreografia, vestimentas e comportamentos específicos.

O funk expõe os tabus, questionamentos e lutas, principalmente das periferias, e agrupa as pessoas em torno de um gosto comum, uma identidade que une as pessoas e dá visibilidade a elas, dentro e fora da comunidade. Por isso, pode ser visto como movimento **cultural**, que pode gerar preconceito e hostilidade em parte da sociedade.

A **música funk**, assim como aconteceu com outros gêneros musicais, também surgiu de apropriações e influências musicais. Ao contrário do que muitas pensam, o funk brasileiro não deriva diretamente do funk norte-americano. Assesse este vídeo em que falarei mais sobre isso e veremos características ~~sonoras-musicais~~ do funk brasileiro.

[https://youtu.be/x4kb\\_KiRb-s](https://youtu.be/x4kb_KiRb-s)

Por mais recente que possa ser, o funk foi se modificando e se adequando a cada espaço em que era tocado. O consumo do funk por outras classes e também por outros países é uma vitória para o movimento. A própria periferia não se importa em ver a elite consumindo e se apropriando da cultura funk. Muito pelo contrário, valoriza o movimento e contribui para que hoje o funk seja um dos gêneros musicais brasileiros mais tocados e valorizados no exterior.

E se você fizesse um funk, como seria?? Sugiro, a seguir, uma base de funk para você fazer sua música (melodia com letra). Pode ser cantada ou falada (recitada). Crie o seu funk e me envie um áudio ou vídeo de um trecho dele.

DIVIRTA-SE!!! <https://youtu.be/3WVPeNpJIO4>

Um grand e abraço e até semana que vem!!



Paulo Deretti.

## PARA SABER MAIS:

A seguir, você encontra os principais tipos de funk (ou subgêneros do funk) que existem.

**Funk Carioca:** É o “funk tradicional”, já que as primeiras melodias desse gênero no Brasil vieram do Rio de Janeiro. A maioria dos funks mais tocados no Brasil integra esse subgênero.

**Funk Ostentação (ou Funk Paulista):** Suas letras tratam de carros de luxo, joias e dinheiro. Exalta o consumismo material.

**Funk Proibidão:** É o mais cercado de polêmicas, especialmente por causa de suas letras que falam da vida no crime, fazem uso de palavrões, falam de sexo e drogas de forma explícita.

**Funk Consciente:** Muitas vezes, é comparado ao rap, já que o objetivo desse subgênero do funk é denunciar os problemas sociais e, principalmente, o descaso com os moradores de favelas.

**Funk Pop:** Costuma ser o destino dos artistas de funk que desejam conquistar espaço nacional e internacional na música. Traz canções mais populares, com letras mais suaves e batidas semelhantes ao pop.

Tivemos um único retorno e acredito que tenha sido pelo fato de ser final de novembro e os alunos estarem entrando no clima de férias escolares. Mas o que recebemos foi uma melodia com letra, sem utilizar a base que enviei ou outro acompanhamento, em que de o aluno cantava assim:

*“O que é a vida sem o deleite? O que é a vida sem o presente?  
E o futuro...?  
Ela pode ser até um passado, mas nunca superei o mandado dela ser assim.  
Eu queria compreender ela de uma vez.  
Por você...”*

### 3.8 Aula 7 – Sua música

Era final de novembro de 2020 e essa seria a última aula que eu faria para meus alunos naquele semestre letivo (2020/1). Em nosso encontro semanal de estágio debatemos, entre outras coisas, as possibilidades de conteúdo e atividades a serem desenvolvidas, e concordamos que deveria ser uma aula divertida, com caráter de culminância e de revisão dos conteúdos, em que pudéssemos mostrar algo musical de que gostássemos e justificarmos nossas escolhas através de uma abordagem em que aparecessem, não só tais conteúdos, mas também nossos motivos pessoais que fizeram parte da escolha e, através disso, instigar nos alunos a vontade de fazer também a sua escolha, ainda que não tivessem como, ou não quisessem, nos enviar.

Lembro que a orientadora sugeriu que explorássemos a ideia de “uma música que é a sua cara”, e isso pareceu muito interessante para mim, pois várias músicas passaram pela minha cabeça: muitos rocks da minha adolescência, muitas músicas que passei horas treinando sua execução justamente para ter o prazer de tocá-las, muitas músicas com textos que fizeram pensar sobre o que significavam para mim e contribuíram para a formação da minha personalidade, enfim, essa atividade de escolher uma dentre as músicas favoritas já me era prazerosa. À medida que eu ia revisitando minhas músicas preferidas, uma delas ia se destacando, pelo fato de estar presente no repertório da banda em que trabalho e por termos recém-saído da semana da Consciência Negra. Isso contribuiu para a escolha da minha música: Sir Duke, de Stevie Wonder.

Eu já sabia algumas coisas sobre essa canção e sobre seu compositor. Fiz uma busca mais aprofundada para que pudesse adicionar novas informações à justificativa da minha escolha, além dos motivos pessoais que eu apresentaria. Esses últimos me ajudaram a pensar no objetivo específico dessa aula, que viria a ser perceber o potencial da música como comunicação, expressão de sentimentos e construção da identidade pessoal.

Sendo a última aula daquele semestre, seria interessante se lembrássemos o aluno das principais coisas que havíamos trabalhado até chegarmos naquele momento: padrões rítmicos, gêneros musicais e construção de melodias. Isso me pareceu pertinente incluir no texto. já que não queria tomar tempo do vídeo para

isso, pois este seria reservado para incluir, além das minhas justificativas, a execução de um trecho da música Sir Duke.

Então, iniciei a elaboração do texto com uma saudação e, logo em seguida, a notícia de que estávamos chegando ao último encontro daquele ano letivo e que, mesmo sendo um ano difícil, com aulas não presenciais, confessei ali que foi um período de muito aprendizado para mim, pois participei de uma reinvenção do processo de ensino. Achei importante que eles soubessem que, junto às professoras de estágio, procuramos pensar em atividades que contribuíssem para o desenvolvimento musical deles e que o planejamento e a produção dessas atividades contribuíram para o meu próprio desenvolvimento, ao perceber que, mesmo a distância, a música possibilita um encontro com o mundo, com as pessoas que fazem a música e as outras que a ouvem, e esse é um grande poder que a música tem. A introdução estava pronta.

Era preciso, então, conectar o aluno com a ideia de escolher uma “música com a sua cara”. Através da troca de e-mail com a orientadora, busquei orientações sobre como fazer isso e ela me sugeriu dizer ao aluno, no texto, que a atividade daquela aula passaria pela escolha de uma música da preferência dele, algo que o representasse, que fosse a “cara dele”. Adotei a ideia e acrescentei que eu imaginava que eles, assim como eu, teriam muitas músicas preferidas, mas que era preciso escolher uma só.

Havia dado mais um passo no planejamento e execução da aula. Eu estava pensando em algumas possibilidades de atividades a serem feitas utilizando a música escolhida, mas o seu desenvolvimento iria ficar para depois da produção do vídeo. Eu estava ansioso para produzi-lo e a sua conclusão poderia me ajudar na elaboração de uma atividade.

Achei que seria interessante que, ao abrir o vídeo, o aluno ouvisse a minha música e, de preferência, que eu estivesse tocando junto. Escolhi fazer a execução utilizando o contrabaixo elétrico, pois gosto muito de tocar essa música nesse instrumento. Como é uma canção formada por estrofes e refrões (ABABAB), optei por gravar apenas a primeira parte dela (AB) para não ocupar muito tempo do vídeo. Fiz isso e essa parte ocupou 1'20" do total. Após isso, ao entrar nas justificativas da minha escolha, optei por deixar a música tocando como fundo musical e num volume mais baixo, para que o aluno pudesse ir ouvindo mais um pouco dela

enquanto eu falava sobre os motivos por que a escolhi, porque ela é a minha cara, além de algumas de suas características sonoro-musicais, incluindo o gênero musical ao qual ela pertence, aproveitando, assim, para conectá-los a alguns conteúdos abordados nas aulas anteriores.

Precisava organizar um roteiro das coisas que viria a dizer na justificativa da minha escolha. Havia a vontade de falar sobre o compositor que havia ficado cego logo no primeiro ano de vida e sobre as várias dificuldades que eu imaginava que ele tivesse passado em sua vida: físicas, psicológicas, sociais – por ser negro e cego. Essas coisas me fazem ter admiração por ele, como pessoa e como músico, pois, mesmo sendo cego, Stevie Wonder aprendeu a tocar vários instrumentos, além de ser um excelente cantor e compositor. Enquanto essa parte do roteiro seria dita no vídeo, eu incluiria algumas fotos do artista para que ele fosse apresentado visualmente aos alunos. Isso foi fácil de conseguir através de uma breve busca na internet.

Quanto às características sonoro-musicais, havia muitas coisas a dizer e aquelas que seriam escolhidas por mim precisavam ser apresentadas de um modo que fosse compreendido pelos alunos, ou seja, era preciso cuidar para não utilizar termos musicais rebuscados ou teóricos demais. Então, falei sobre como o balanço rítmico da música me agrada e me envolve, citei também a letra da música como um dos motivos da minha escolha. Apesar de a música ser em inglês e eu conhecer um pouco do idioma, já havia pesquisado a tradução da letra para não haver erros. Nela, Stevie Wonder aborda o papel que a música teve na unificação racial entre negros e brancos em tempos de grande discriminação nos Estados Unidos e reconhece, durante o texto, algumas das pessoas a quem ele agradece por terem contribuído para tais feitos, como Duke Ellington – daí o nome da música: Sir Duke. Nesse momento também separei fotos desse artista, pois achei importante apresentá-lo visualmente aos alunos, além de citar algumas características, como o fato de ter sido um influente trompetista e pianista de jazz, um dos ídolos de Stevie Wonder, não só pela admiração como musicista, mas também pelo fato de ter sido muito importante na conquista do espaço musical do “músico de jazz negro”, dando esperança aos negros durante tempos de intensa segregação e discriminação, no início e meados dos anos de 1900 nos Estados Unidos.

Um dos trechos da letra me deixou reflexivo quando o li e quis mencioná-lo para os alunos no vídeo, acompanhado de legenda. É a parte em que Stevie

Wonder diz que *“A música é um mundo dentro de si mesmo, com uma linguagem que todos nós entendemos. Com oportunidades iguais para que todos possam cantar, dançar e bater palmas”*. É a manifestação do propósito que Stevie Wonder tem para essa música, passar uma ideia de reconhecimento pela luta por igualdade feita por artistas negros. Considero essa a parte da minha justificativa com maior valor do ponto de vista humano e social.

E os motivos da minha escolha não pararam por aí. Além do balanço rítmico que sinto quando a ouço, os instrumentos de sopro e a progressão de acordes que são usados contribuem muito para o resultado divertido que essa música tem para mim. A maneira como os instrumentos de sopro “falam” nessa música e os acordes que são utilizados são semelhantes à música ouvida e feita durante a era do jazz da geração de um dos homenageados na música, Duke Ellington.

Faltava relacionar minha escolha a algum conteúdo abordado nas aulas anteriores. Pensei em falar sobre o gênero da música. As playlists de streaming musical classificam essa música em dois gêneros: no Rhythm and Blues – que, em suas primeiras manifestações, na década de 1940, era uma versão negra do que antecederia o rock, em que se misturava o blues e instrumentos elétricos – aqui eu mencionaria a quinta aula, quando falei sobre as características do rock e a divisão racial que havia na sociedade e como isso se refletia também na música, chegando ao ponto de dividir “racialmente” os gêneros musicais de acordo com quem o fazia e ouvia; e no funk (americano), que foi uma mistura de outros gêneros, como o próprio Rhythm and Blues e o jazz, e tem como uma de suas principais características uma batida rítmica dançante, principalmente pela combinação de batidas que acontece entre o baixo elétrico e bateria. Tanto o Rhythm and Blues como o funk se encaixam no que alguns chamam de Black Music, assim como o rap, hip hop, e, no Brasil, o pagode e o funk carioca, por exemplo.

Essas foram as explicações musicais e pessoais que escolhi compartilhar com meus alunos acerca da música que escolhi como sendo a minha cara. Ao final das edições, o vídeo ficou com uma duração de 5’44”, passando um pouco do tempo estipulado para tal mídia, mas autorizado pela orientadora e pela supervisora pelo fato de ambas terem gostado do resultado. Acharam que a música era realmente muito “poderosa” e minhas justificativas estavam descritas de uma maneira que não deveria ser alterada para, simplesmente, diminuir um minuto da duração do vídeo.

Enquanto ia trabalhando no vídeo e no texto, algumas ideias para a atividade dessa aula foram surgindo. A primeira já estava praticamente pronta. Como mencionado, gostaríamos que o aluno também escolhesse a sua música e justificasse sua escolha. Então, logo após o que já tinha sido confeccionado no texto, fiz a descrição da atividade, em que solicitava ao aluno que escrevesse o nome da música escolhida e do seu autor no caderno e fizesse um parágrafo justificando a escolha, por exemplo: por que ela é a sua cara? Como ela lhe representa? O que acha legal nela? Como se identifica com ela? Que tipo de sentimentos ela lhe desperta? Em seguida, o aluno deveria escrever no caderno o nome do gênero musical ao qual a música pertence e cinco de suas características. Orientei os alunos a fazerem uma breve pesquisa na internet sobre isso, caso eles achassem necessário. Feito isso, solicitei que tirassem uma foto do que escreveram e enviassem pela plataforma CórTEX ou por *WhatsApp* para a professora de música.

Outras duas opções de atividades passaram pela minha mente enquanto preparava o vídeo e elas foram acrescentadas ao texto como uma forma de o aluno explorar ainda mais sua escolha musical. Deixei claro que essa parte não era obrigatória, mas que, caso a fizessem e quisessem, poderiam enviá-la. A primeira dessas opções tinha a ver com a aula sobre padrões rítmicos (aula 4), e consistia em criar um padrão rítmico utilizando sons corporais e/ou beatbox para acompanhar a música escolhida. Esclareci que, se quisessem, poderiam enviar áudio e/ou vídeo executando o padrão rítmico criado, junto com a música. Deixei disponível também o link para a aula sobre padrões rítmicos como forma de lembrar esse conteúdo. A segunda opção tinha a ver com a aula em que falei sobre como criar e improvisar melodias (aula 3). Sugeri uma atividade sobre isso na qual o aluno deveria deixar a música escolhida tocando, servindo de base para ele criar ou improvisar melodias sobre ela. Esclareci também que isso poderia ser feito no instrumento que quisessem, inclusive com a voz. Também deixei escrito que, se quisessem, poderiam enviar áudio e/ou vídeo fazendo a melodia criada junto com a base. Também deixei disponível o link para a aula em que apresentei dicas para criar melodias, como forma de lembrar esse conteúdo.

Por fim, me despedi dos alunos, escrevendo que estava muito feliz por ter participado do processo de aprendizagem deles, mesmo que por breves momentos. Tinha sido muito prazeroso falar sobre música para eles e eu esperava que eles

também tivessem gostado. Desejei um “ótimo fim de ano” que se aproximava e o meu “Até logo!”.

O vídeo dessa aula foi este: [Sua Música](#) e, a seguir, consta o texto enviado aos alunos.

Olá, pessoal!  
Tudo bem?



Espero que sim!!!

Chegamos ao nosso último encontro deste ano letivo. Foi um ano diferente.

O distanciamento social, como forma protetora, reinventou a forma de se fazer música.

Eu e as professoras que orientam meu estágio procuramos proporcionar atividades que contribuíssem para o seu desenvolvimento musical e acredite: funcionou com a gente também! Crescemos muito!

Percebemos que, mesmo à distância, a música possibilita nosso encontro com o mundo. Isso acontece porque a música é feita por pessoas e para pessoas!

Através da música podemos demonstrar e perceber emoções, nos identificarmos com as letras das músicas, com a batida rítmica, com as pessoas que fazem a música e as outras que a ouvem. Esse é um grande poder que a música tem.

No decorrer de nossas aulas falamos sobre como as músicas são criadas. Para isso, vimos acordes, padrões rítmicos, construção de melodias e gêneros musicais.

E hoje vamos colocar em prática essas ideias.

Para fazermos isso, primeiro, você deve escolher uma música que te represente, que seja a sua cara. Imagino que, assim como eu, você tenha mais de uma música preferida. Pense um pouco nelas e escolha uma.

**Aqui está a sua atividade:**

Escreva o nome da música escolhida e do seu autor no caderno. Em seguida, faça um parágrafo justificando a sua escolha. Diga, por exemplo: por quê ela é a sua cara, como ela te representa, o que você acha legal nela, como você se identifica com ela, e que tipo de sentimentos ela desperta em você.

Depois, fale sobre o gênero musical da música que você escolheu. Caso não saiba qual é o gênero da música, faça uma breve pesquisa na internet sobre isso.

Escreva em seu caderno o nome do gênero e cinco características dele.

Tire uma foto de tudo e me envie.



Eu escolhi uma música e fiz com ela a atividade proposta. Veja o vídeo para descobrir que música é e por que ela é a minha cara!

<https://youtu.be/q1AGcpielzc>

Vou deixar outras duas sugestões de atividades que você também pode fazer com sua música escolhida. É para você explorar e se divertir! Não precisa me enviar mas, caso queira, ficarei bem feliz também. Eu estou curtindo todos os áudios, vídeos e textos de vocês que a profe Carol compartilha comigo!!!

### 1ª Opção:

Você lembra de nossa aula sobre padrão rítmico?

Crie um padrão rítmico utilizando sons corporais e/ou beatbox para acompanhar a música escolhida por você. Se quiser, envie o áudio e/ou vídeo com você fazendo esse padrão junto com a música. Se quiser relembrar a aula sobre padrões rítmicos aqui está o link: <https://www.youtube.com/watch?v=1bLz5keBB1s&t=25>

### 2ª Opção:

Em uma de nossas aulas falamos sobre como criar e improvisar melodias. Lembra?

Deixe a música escolhida rolando (ela será sua base) enquanto você improvisa melodias sobre ela.

O improviso pode ser feito no instrumento de sua preferência ou com a voz.

Se quiser, envie o áudio e/ou vídeo com você fazendo esse improviso junto com a música.

Esse é o link da aula onde falamos sobre como criar melodias, caso queira olhar as dicas novamente: <https://www.youtube.com/watch?v=1ud-NzmBO2Q>

Gostaria de me despedir dizendo que estou muito feliz por ter participado do seu processo de aprendizagem, mesmo que por breves momentos. Foi muito prazeroso conversarmos sobre música e espero que vocês tenham gostado. Quero deixar aqui o meu "Até logo!" e lhe desejar um ótimo fim de ano que se aproxima.



Paulo ~~De~~retti

Recebi apenas um retorno dessa atividade. Era um vídeo de uma aluna que, sentada com seu violão, tocava e cantava a música Anunciação, de Alceu Valença. Não nos enviou justificativas de sua escolha, mas pude observar em sua voz uma ligação emocional com a música. O canto estava afinado e com ótima dicção. O violão estava bem executado quanto aos acordes e ao ritmo. Havia uma pequena dificuldade na execução do acorde Fá Maior, pelo fato de ser o único acorde em que era necessário fazer uso da pestana, na qual o dedo indicador da mão esquerda aperta mais de uma corda simultaneamente.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo relatar a experiência de ensinar música desenvolvida no Estágio de Docência em Música na modalidade de Ensino Remoto Emergencial. Procurei analisar como essa experiência ampliou meu entendimento de ensino de música ao produzir as sete aulas aqui relatadas e descrever os novos aprendizados construídos através da busca por literatura e dos desafios superados no processo de planejamento e produção das aulas, especialmente de gravação e edição dos vídeos.

Durante o ERE esses desafios foram sendo vencidos por meio do desenvolvimento de processos que foram mudando o meu jeito de ver o ensino de música e perceber isso só foi possível após a conclusão do relatório final do estágio daquele semestre. Ao refletir sobre o processo vivido para descrevê-lo, pude perceber que, especialmente a produção de vídeos para os alunos, me tirou da zona de conforto, me desafiando e, ao mesmo tempo, me motivando a superar tais desafios, tendo sido, a meu ver, um diferencial no meu processo de formação pedagógico-musical. Através dos textos produzidos e das videoaulas, pude buscar a qualidade comunicativa com os alunos, mesmo de forma assíncrona, tendo em vista o objetivo de sempre aliar teoria e prática musical, aproximar os conteúdos de situações reais e, mais que isso, da realidade dos alunos do campo de estágio, para que eles pudessem atribuir significados ao que vivenciaríamos por meio das propostas apresentadas nos vídeos e textos e refletissem sobre os conhecimentos e seus usos em situações do seu cotidiano.

Para isso acontecer foi necessário que eu baixasse minha guarda e meu orgulho, e me tornasse disposto e aberto a aprender com os outros: com os colegas, a orientadora e a supervisora. Com esse movimento, me libertei dos muros que tinha erguido para mim mesmo e fui atrás de muitas coisas, entre as quais destaco: uma literatura que não fazia parte dos meus referenciais, programas de edição de áudio e vídeo e outras músicas – as ouvidas pelos alunos. Assim, pude aprender coisas que, talvez, se não fosse o estágio, não aprenderia. Tive ainda que sistematizar conhecimentos que pareciam estar tácitos – aquelas coisas que sabemos, mas que não sabemos explicar ou mesmo comunicar – e isso fez com que meus conhecimentos musicais se ampliassem. Incentivado por minha orientadora, para que eu buscasse o melhor resultado para minhas aulas e, por

consequência, melhores aulas para os alunos, pude experimentar uma grande preocupação com a sua aprendizagem, fazendo com que meu foco estivesse nos alunos, e não na música. Acredito, ao analisar minhas aulas para este relato, que mostrei um interesse pelos alunos que não encontro nas aulas que desenvolvi no estágio anterior. Tal interesse se encontra na reflexão sobre o que eles poderiam aprender, o que estavam aprendendo até aquele momento e sobre a vida deles, de modo mais amplo. Foi um semestre em que passei a sentir mais gosto, mais prazer de ensinar.

Sinto que faltou o contato pessoal com os alunos e uma maior interação, falta que poderia ser resolvida se tivéssemos aulas síncronas ou presenciais. Essa ausência, assim como a distância, fez com que tivéssemos poucos retornos das atividades, e isso prejudicou um pouco o real *feedback* das aulas que produzi.

Reconheço que não fiz nada sozinho e minhas aulas só tiveram o resultado relatado neste trabalho pela presença semanal de minha orientadora no processo de planejamento e produção das mesmas, por meio do aconselhamento sábio extraído de sua experiência e habilidade como docente. Por tal motivo, em muitos momentos deste relato utilizei a primeira pessoa do plural como pronome para as frases que diziam respeito à tomada de algumas decisões durante a produção das aulas. Somam-se também à justificativa pelo uso de tal pronome os bons debates que tive com meus colegas da turma de estágio durante nossos encontros, que muito foram úteis ao trazerem possibilidades de conteúdos, atividades e repertórios, além de, e mais importante, disponibilizarem sua amizade. Sem a presença deles, minhas aulas tomariam outra direção, que seria aquela pensada e planejada exclusivamente por mim, o que, segundo o meu entendimento, resultaria em aulas com qualidade inferior por se tratar de uma produção segundo a minha habilidade exclusiva, ficando bem aquém da habilidade que surgiu quando somamos nossas “forças” e nos colocamos na mesma direção: aquela que nos levou ao encontro de nossos alunos.

## REFERÊNCIAS

- BIESTA, Gert. O dever de resistir: sobre escolas, professores e sociedade. *Educação*, v. 41, n. 1, p. 21-29, 2018.
- CANDEIAS, César N. B; CARVALHO, Luís H. P. de. O uso de videoaulas como ferramenta no processo de ensino e aprendizagem em Química. In: *Simpósio Internacional de Educação e Comunicação*, 7., 2016, Aracajú.
- CARDOSO, Belmira; MASCARENHAS, Mário. *Curso completo de teoria musical e solfejo*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Irmãos Vitale, 1996
- CHAVES, Celso Loureiro. *Música nas janelas. Gaúcha ZH*. Porto Alegre, 03/09/2020.
- DAYRELL, Juarez. A Música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 28, n.1, p. 117-136, jan./jun. 2002.
- DELMANTO, D.; FAUSTINONI, L. E. Os relatos de prática e sua importância no processo de produção e socialização do conhecimento. In: GOIÁS. Secretaria de Estado da Educação. *Reorientação curricular do 6º ao 9º ano: currículo em debate: relatos de práticas pedagógicas*. Goiânia: SEE/GO, 2009. p. 10-12.
- FABBRI, Franco. Uma teoria dos gêneros musicais: duas aplicações. *Revista Vórtex*, Curitiba, v. 5, n. 3, p.1-31, 2017.
- FRITH, Simon. *Performing rites: on the value of popular music*. Harvard: Harvard University Press, 1996.
- HOWARD, John. *Aprendendo a compor*. Editado por Roy Bennett; tradução e adaptação, Maria Teresa de Resende Costa; revisão técnica, Luiz Paulo Sampaio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991
- MARTINS, V.; ALMEIDA, J. F. F. As videoaulas e os desafios para a produção de material didático: pensando a docência na educação online. *Educitec, Manaus*, v. 4, n. 8, p. 597-614, nov. 2018. Edição especial.
- MED, Bohumil. *Teoria da música*. Brasília: Musimed, 1996.
- NUINTIN, Adriano Antonio. *O desenvolvimento de indicadores de desempenho e da qualidade para o processo de produção: estudo de casos do processo de produção de café*. Dissertação (Mestrado em Controladoria e Contabilidade - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade-USP. Ribeirão Preto, 2007.
- RANGEL, Patricia. O funk no Rio de Janeiro: identidade étnica, cultural e social na baixada fluminense. *Revista Periferia, Educação, Cultura e Comunicação*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, 2013.

SANTANA, Rogério J; JANUÁRIO Gilberto. Ensino de Matemática e a Produção de Videoaulas. *Educação Matemática Debate*, Montes Claros, v. 2, n. 6, set./dez. 2018.

SERAFIM, Maria Lúcia.; PIMENTEL, Fernando Sílvio Cavalcante; SOUSA DO Ó, Ana Paula de. Aprendizagem colaborativa e interatividade na web: experiências com o Google Docs no ensino de Graduação. In: 2º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação - Multimodalidade e Ensino, p.17-19. *Anais eletrônicos*. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 2008.

SPANHOL, Greice K; SPANHOL, Fernando J. Processos de Produção de Videoaula. *Novas Tecnologias na Educação*, Porto Alegre, v. 7, n. 1, jul. 2009.

SUÁREZ, D. H. La tradición crítica en educación y reconstrucción de la pedagogía. In: ELISALDE, R.; AMPUDIA, M. (Comp.). *Movimientos sociales y educación: teoría e historia de la educación popular en Argentina y América Latina*. Buenos Aires: Buenos Libros, 2008. p. 193-214.

SUÁREZ, D. H. Relatos de experiencia, saber pedagógico y reconstrucción de la memoria escolar. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 387-416, abr. 2011.

VIANNA, Hermano. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988

WARSCHAUER, Cecília. *A roda e o registro: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.